

Carta aberta ao companheiro Lênin*

INTRODUÇÃO

Desejaria chamar sua atenção, companheiro Lênin, a sua e a do leitor, para o fato de que o presente texto foi escrito durante a marcha vitoriosa dos russos sobre Varsóvia.¹

Desejaria igualmente pedir desculpas a você e ao leitor pelas numerosas repetições. Não pude evitá-lo na medida em que a tática dos "esquerdistas"² era desconhecida pelos operários de quase todos os países.

* Texto do Autor de 1920 em resposta ao texto "Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo", de Lênin. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho.

¹ O Autor refere-se à ofensiva do Exército Vermelho que, mediante uma "guerra revolucionária", pretendia auxiliar o proletariado polonês a livrar-se de sua burguesia. Porém, os poloneses, sob direção do general Pilsudsky, contiveram o Exército Vermelho às portas de Varsóvia obrigando-o a retroceder. (N. do Org.)

² *Esquerdistas* eram chamados por Lênin no seu livro: *Esquerdismo doença infantil do comunismo* aqueles que, como Gorter, recusavam a luta parlamentar trocando-a pela ação direta da massa e colocavam dúvidas acerca do papel "dirigente" do Partido em relação à classe operária. (N. do Org.)

MASSAS E DIRIGENTES

Caro companheiro Lênin:

Li seu texto sobre o extremismo no movimento comunista. Aprendi muito com ele, como com todas as suas obras. Agradeço-lhe por isto e muitos outros companheiros certamente farão o mesmo. Eu estava, sem dúvida, atacado por esta doença infantil e a leitura do texto expeliu vários dos seus sintomas e germes. Creio que este processo continuará daqui para a frente. Da mesma forma, é totalmente correto o que você disse da confusão que a revolução provocou em muitas cabeças. É claro: a revolução veio tão de repente e contrariou tanto as expectativas! Com o seu trabalho ficarei, sempre e cada vez mais, estimulado a basear minha avaliação sobre todas as questões táticas, inclusive as relativas à revolução, unicamente na situação real, nas relações reais entre as classes, exatamente como elas se manifestam política e economicamente.

Depois de ler seu trabalho, pensei: tudo isto é correto. Mais tarde, porém, quando, pensando melhor, perguntei a mim mesmo se, a partir de agora, deveria deixar de apoiar a "Esquerda" e de escrever artigos para o KAPD (Partido Comunista Operário Alemão) e para o partido de oposição na Inglaterra,³ fui obrigado a concluir que não.

Parece contraditório. Mas a contradição, companheiro, deriva do fato de que, no texto, o seu ponto de partida não é correto. A meu ver, você erra quando faz um paralelismo entre a revolução da Europa Ocidental e a revolução russa, quando avalia as condições da revolução na Europa Ocidental, ou seja, a relação das forças de classes, demonstrando desconhecer o terreno de desenvolvimento da esquerda, da oposição. Assim o trabalho parece ser correto, se adotarmos o seu *ponto de partida*; se o rejeitarmos (e é isto o que se deve fazer), então *o conjunto do seu trabalho é falso*. Na medida em que suas avaliações, umas erradas, outras radicalmente falsas, se articulam na conde-

³ Referia-se ao Labour Party (Partido Trabalhista Britânico) como partido de oposição em relação ao Partido Conservador e ao Partido Liberal na Inglaterra. (N. do Org.)

nação do movimento de esquerda, particularmente na Alemanha e na Inglaterra, penso estar agindo bem ao responder ao seu trabalho com uma defesa da Esquerda porque, embora não concorde em toda a linha com este movimento (e os seus próprios dirigentes sabem disso), continuo absolutamente decidido a defendê-lo. Terei então oportunidade, não só de mostrar o terreno de seu desenvolvimento, de provar seu direito à existência e suas atuais qualidades, hoje, na Europa Ocidental, no estágio atual, mas também — e talvez isto seja igualmente importante — *de combater* as representações invertidas sobre a revolução na Europa Ocidental, que são dominantes, sobretudo na Rússia. As duas coisas são importantes, porque tanto a tática na Europa Ocidental quanto na Rússia dependem da concepção da revolução na Europa Ocidental.

Teria preferido realizar este trabalho no Congresso da Internacional,⁴ mas não tive condições de estar presente em Moscou.

Em primeiro lugar, devo refutar duas observações suas que podem falsear a opinião dos companheiros e dos leitores. Você fala com ironia e sarcasmo da inépcia ridiculamente pueril da luta que se trava na Alemanha a propósito da "ditadura dos dirigentes ou das massas", "da cúpula ou da base", etc... Concordamos integralmente com o fato de que tais problemas não deveriam ser colocados. Mas não concordamos com a ironia. Porque, infelizmente, estes problemas ainda estão na ordem do dia na Europa Ocidental. De fato temos, na Europa Ocidental, em muitos países ainda, dirigentes semelhantes aos que havia na II Internacional, estamos ainda procurando dirigentes autênticos *que não tentem dominar as massas* e não as atraírem, e enquanto não tivermos tais dirigentes queremos que tudo se faça de baixo para cima, e pela ditadura das próprias massas. Se meu guia nas montanhas está me levando para o abismo, prefiro ficar sem guia. Quando tivermos autênticos dirigentes, deixaremos de procurá-los. Neste momento, massas e dirigentes serão uma só e mesma coisa. É simplesmente isto que pensamos dizer, nós, a esquerda alemã e a esquerda inglesa.

⁴ Refere-se Gorter ao Congresso da III Internacional realizado em Moscou, sua sede. (N. do Org.)

A mesma coisa é válida para a sua segunda observação, segundo a qual o dirigente deve formar com a massa e a classe um todo homogêneo. Estamos totalmente de acordo. Agora só falta encontrar e educar tais dirigentes, que sejam verdadeiramente ligados à massa. Encontrá-los e educá-los — as massas, os partidos políticos e os sindicatos só poderão fazê-lo no contexto de uma luta extremamente difícil que deverá também ser travada no plano interno. O mesmo se pode dizer da disciplina de ferro e do centralismo reforçado. Concordamos com isto, mas somente depois de ter encontrado autênticos dirigentes, nunca antes. Nesta duríssima batalha que se trava agora com grande esforço, na Alemanha e na Inglaterra — países mais próximos da realização do comunismo —, a sua ironia só pode ter uma influência nefasta. *O seu sarcasmo faz o jogo dos elementos oportunistas da Terceira Internacional.* Porque este é um dos meios utilizados por elementos na Liga Spartacus⁵ e no BSP da Inglaterra (e igualmente nos partidos comunistas de vários outros países) para enganar os operários, dizendo-lhes que todo o problema da Massa e do Dirigente é um contra-senso, "é absurdo e pueril". Usando esta frase, eles evitam, ou querem evitar, a crítica que se faz contra eles, os dirigentes. E esmagam a oposição utilizando-se da frase da disciplina de ferro e da centralização. Você faz a cama para os elementos oportunistas se deitarem.

Você não deve fazer isto, companheiro. Na Europa Ocidental, ainda estamos na fase de preparação. *Deveríamos preferir apoiar os combatentes e não os dominadores.*

Passo adiante porque voltarei ainda ao assunto nesta carta. Há, porém, uma razão mais profunda pela qual não posso concordar com o seu texto. Trata-se do seguinte:

Quando nós, marxistas da Europa Ocidental, lemos os seus

⁵ Liga Spartacus, fundada por Rosa Luxemburgo, Leo Jogisches e Karl Liebknecht em homenagem a Espártaco, que liderou uma revolta de escravos que abalou o Império Romano. A Liga surgiu como cisão do Partido Social-Democrata Alemão, que votara a favor dos créditos de guerra solicitados pela burguesia e assumira o poder através de sua ala direita, Noske-Scheidemann, reprimindo a revolução socialista alemã de 1919, assassinando Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo entre outros, preparando o caminho para o renascimento burguês e a emergência posterior do nazismo. (N. do Org.)

trabalhos, estudos e livros, sentimos admiração e concordamos com eles, mas num certo momento, quase sempre, tornamo-nos prudentes na leitura, esperamos esclarecimentos mais detalhados; entretanto, como os esclarecimentos, mais tarde, não são fornecidos, ficamos na maior dúvida. É quando você fala dos operários e dos camponeses pobres; você fala nisso muitas e muitas vezes. E você fala sempre destas duas categorias como sendo fatores revolucionários no mundo inteiro. E em nenhum momento, ao menos do que eu tenha lido, você distingue clara e perfeitamente a enorme diferença existente neste ponto entre a Rússia, de um lado (inclusive certos países da Europa Oriental), e, de outro lado, a Europa Ocidental (isto é, a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Bélgica, a Holanda, a Suíça e os países escandinavos, talvez até mesmo a Itália). Ora, a meu ver, a base material das divergências de avaliação que separam você do que se tornou conhecido como a "Esquerda" na Europa Ocidental, no que se refere à tática nas questões sindical e parlamentar, é exatamente a diferença existente em relação a este ponto entre a Rússia e a Europa Ocidental.

Você conhece naturalmente tão bem quanto eu esta diferença, mas você não tira daí nenhuma conclusão para a tática na Europa Ocidental, ao menos nos seus trabalhos que tive oportunidade de ler. Você não se dignou a considerar este problema e, por isso mesmo, a sua avaliação sobre a tática na Europa Ocidental é falsa.

Isto foi e continua sendo tanto mais perigoso quanto se sabe que em toda a Europa Ocidental esta frase, de sua autoria, é repetida mecanicamente em todos os partidos comunistas, mesmo por marxistas. Chega a parecer, se acreditamos nos jornais, revistas e textos comunistas, assim como nas reuniões públicas, que, de repente, uma revolta dos camponeses pobres se aproxima na Europa Ocidental. Não se observa a grande diferença existente em relação à Rússia. E por isso o pensamento das pessoas fica falseado, e o do proletariado também. Na Rússia você conta com uma imensa classe de camponeses pobres, e a vitória só foi possível com o seu apoio — por isso você apresenta as coisas como se na Europa Ocidental pudéssemos contar também com a perspectiva deste apoio. E porque na Rússia você só venceu com este apoio, você apresenta as coisas como se ele fosse

também indispensável para vencer aqui também. O seu silêncio sobre esta questão, no que se refere à sua aplicação na Europa Ocidental, faz parecer que você apresenta as coisas desta forma, e o conjunto de sua tática baseia-se nesta concepção.

Mas esta concepção não é verdadeira. Há uma enorme diferença entre a Rússia e a Europa Ocidental. Em geral, a importância dos camponeses pobres como fator revolucionário diminui de Leste para Oeste. Em regiões da Ásia, da China e da Índia, esta classe seria absolutamente determinante, se uma revolução explodisse. Na Rússia ela representa para a revolução um fator indispensável e essencial. Na Polônia e em alguns outros Estados da Europa Meridional e Central, ela ainda constitui um trunfo importante para a revolução, mas quanto mais vamos para Oeste, mais a veremos se erguer hostil diante da revolução.

A Rússia tinha um proletariado industrial de 7 a 8 milhões de pessoas. Mas os camponeses pobres eram cerca de 25 milhões. (Vocês me perdoarão as eventuais inexatidões nos números, estou citando de cabeça porque esta carta é urgente.) Quando Kerensky recusou-se a dar a terra aos camponeses pobres, você sabia que eles viriam rápida e inevitavelmente para o seu lado, desde que percebessem a manobra. Isto não acontece e não acontecerá na Europa Ocidental; tal situação não existe nos países da Europa Ocidental citados por mim.

A situação dos camponeses pobres na Europa Ocidental é totalmente diferente da existente na Rússia. Ainda que ela seja às vezes terrível, não é tanto como na Rússia. Aqui os camponeses pobres têm um pedacinho de terra como arrendatários ou como proprietários. Os meios de transporte bastante desenvolvidos lhes permitem muitas vezes vender alguma coisa. Nos piores momentos têm quase sempre algo para se alimentar. As últimas décadas lhes trouxeram alguns melhoramentos. Eles têm condições agora de exigir altos preços em períodos de guerra e de pós-guerra. São indispensáveis porque os produtos alimentares são importados em pequenas proporções. Isto lhes permite manter preços altos. Eles são apoiados pelo capitalismo e o capital os apoiará enquanto permanecer vivo. A situação dos camponeses pobres na Rússia era muito mais terrível. Por isso, na Rússia,

os camponeses pobres tinham também seu programa político revolucionário e estavam organizados num partido político revolucionário, os Socialistas-Revolucionários.⁶ Não é absolutamente o que se passa aqui. Além disso, havia na Rússia uma enorme quantidade de bens que podiam ser divididos: grandes propriedades fundiárias, bens da Coroa, terras do Estado, bens monásticos. Mas o que é que os comunistas da Europa Ocidental poderiam oferecer aos camponeses pobres para trazê-los para a revolução, para agrupá-los em torno deles? *

Existiam na Alemanha (antes da guerra) de quatro a cinco milhões de camponeses pobres (até 2 hectares). As explorações verdadeiramente grandes (mais de 100 hectares) contavam apenas com 8 a 9 milhões de hectares. Se os comunistas distribuíssem tudo isso, os camponeses pobres continuariam camponeses pobres, porque os 7 a 8 milhões de operários agrícolas desejariam também alguma coisa. Mas nem será possível distribuir todas as explorações porque eles próprios as conservarão como grandes explorações. **

Assim os comunistas na Alemanha não têm meios, salvo em certas regiões relativamente pequenas, de atrair os camponeses pobres, porque as explorações médias e pequenas não serão evidentemente expropriadas. Absolutamente análoga é a situação dos quatro ou cinco milhões de camponeses pobres da França; e o mesmo acontece na Suíça, Bélgica, Holanda, e em dois países escandinavos. *** Em toda a parte dominam as explorações médias e pequenas. Mesmo na Itália o problema ainda depende de estudos. Para não falar na Inglaterra, onde só existiriam cem a duzentos mil camponeses pobres.

Os números mostram também que são relativamente poucos os

⁶ O Partido Socialista Revolucionário russo era dirigido por Vitor Tchernov, constituído na sua maioria de camponeses. No processo de Outubro forma-se uma ala esquerda liderada por Maria Spridonova que apóia Lênin. Porém, a guerra civil e a invasão estrangeira levariam ao fim da aliança e à ditadura do partido único. (N. do Org.)

* Você escreve, por exemplo, em *O Estado e a Revolução* (p. 67): "A maioria esmagadora do campesinato, nos países capitalistas onde há verdadeiramente um campesinato, é oprimida pelo governo e aspira à sua derrubada, ao estabelecimento de um governo 'barato'. Para conseguir este objetivo somente o proletariado é predestinado". ... A dificuldade, porém, é que o campesinato não aspira ao comunismo.

** As teses agrárias de Moscou o confirmam.

*** Não possuo dados estatísticos para a Suécia e a Espanha.

camponeses pobres na Europa Ocidental. Portanto, as tropas auxiliares, se existissem, seriam somente em pequena quantidade.

De outro lado, a promessa de que em regime comunista eles não seriam obrigados a pagar rendas ou dívidas hipotecárias não poderia atraí-los. Porque, para eles, o comunismo é sinônimo de guerra civil, de desaparecimento de mercados e de devastação.

Os camponeses pobres na Europa Ocidental, a menos que sobrevenha uma crise muito mais terrível que a existente atualmente na Alemanha, uma crise cujo caráter desastroso ultrapasse tudo o que aconteceu até hoje, permanecerão com o capitalismo enquanto ele tiver um sopro de vida.

Os operários na Europa Ocidental estão absolutamente sós. Porque só poderão contar com o apoio de uma pequeníssima camada da pequena burguesia pobre. E esta é insignificante do ponto de vista econômico. Os operários deverão carregar absolutamente sós o peso da revolução. Esta é a grande diferença com a Rússia.

Talvez, companheiro Lênin, você dirá que a mesma coisa acontecia na Rússia. Na Rússia, igualmente, o proletariado fez sozinho a Revolução. Foi somente após a Revolução que os camponeses pobres aderiram. É verdade, mas a diferença continua impressionante.

Você sabia, companheiro Lênin, que os camponeses adeririam rápida e seguramente à luta de vocês. Você sabia que Kerensky não podia nem queria lhes dar a terra. Você sabia que eles não apoiariam mais Kerensky durante muito tempo. Você tinha uma palavra-chave, "a terra aos camponeses", com a qual você poderia conduzi-los rapidamente, em alguns meses, para o lado do proletariado. Nós, ao contrário, temos seguras previsões de que em todo o continente da Europa Ocidental eles apoiarão o capitalismo.

Você poderá dizer, talvez, que é inegável que na Alemanha não haja uma grande massa de camponeses pobres que esteja em condições de nos apoiar, mas que milhares de proletários que ainda estão agora com a burguesia aderirão seguramente à nossa luta. Assim, o lugar dos camponeses pobres russos seria aqui ocupado pelos proletários. E, dessa forma, apesar dos pesares, haveria reforços para a nossa luta.

Esta concepção também é essencialmente falsa. A diferença com a Rússia continua enorme.

Porque os camponeses russos aderiram ao proletariado *depois* da vitória contra o capitalismo. Mas na Alemanha a luta só começará efetivamente quando os operários que ainda hoje apóiam o capitalismo aderirem ao comunismo.

Os companheiros russos venceram única e exclusivamente porque os camponeses pobres estiveram ao seu lado. E a vitória tornou-se firme e sólida quando eles mudaram de lado. O fato de que os operários alemães estejam ao lado do capitalismo não nos dá nenhuma condição de vitória e a vitória não será mais fácil por isso, e quando eles aderirem à nossa luta a verdadeira batalha apenas começará.

A Revolução Russa foi terrível para o proletariado durante os longos anos de sua preparação. E continua assustadora depois que venceu. Mas ela foi fácil no exato momento em que ocorreu, justamente por causa dos camponeses. Na Alemanha é totalmente diferente, é exatamente o inverso. Antes, ela é fácil, e depois será fácil. Mas a própria revolução será terrível. Provavelmente mais terrível que todas as outras revoluções. Porque o capitalismo, que era fraco na Rússia, que dominava por pouco o feudalismo, a Idade Média e mesmo a barbárie, é forte entre nós, poderosamente organizado e solidamente enraizado. Quanto às camadas inferiores das classes médias, quanto aos pequenos camponeses e aos camponeses pobres, estes elementos que estão sempre do lado do mais forte apoiarão o capitalismo até o seu fim definitivo, à exceção de uma pequena camada sem importância econômica.

A revolução na Rússia venceu pelo apoio dos camponeses pobres. Isto deve ser lembrado aqui na Europa Ocidental e em todas as partes do mundo. Mas os operários na Europa Ocidental estão sós. Nunca se deve esquecer isto na Rússia.

O proletariado na Europa Ocidental está só. Eis a verdade. Nossa tática deve basear-se nisto, nesta verdade. As táticas que não se basearem nisto são falsas, e conduzirão o proletariado a imensas derrotas.

A prática também prova a verdade desta afirmação. De fato, os

pequenos camponeses da Europa Ocidental não só não têm programa, e não reivindicam a terra, mas também não se movimentam neste momento, quando o comunismo se aproxima.

Esta afirmação, naturalmente, não deve ser entendida num sentido absoluto. Há, como já disse, na Europa Ocidental, regiões dominadas pela grande propriedade, onde, em consequência, os camponeses poderão ser considerados aliados do comunismo. Em outras regiões, em função de circunstâncias locais, etc. . . ., os camponeses poderão ser ganhos. Mas tais regiões são relativamente pouco numerosas.

Minha afirmação também não tem o sentido de dizer que, no final da revolução, quando tudo se derrubar, nenhum camponês pobre aderirá à nossa luta. Isto é indubitável. Justamente por essa razão devemos fazer propaganda entre eles. Mas temos de determinar nossa tática considerando o começo e o desenvolvimento da revolução. E a maneira de ser e a tendência geral das circunstâncias apresentam-se da forma como descrevi. E é somente com base nisto que se pode e se deve basear uma tática.*

A primeira consequência disso — e devemos dizê-lo repetidamente e claramente — é que na Europa Ocidental a verdadeira revolução, isto é, a derrubada do capitalismo e a construção e defesa do comunismo a longo prazo, só é agora possível nos países onde o proletariado sozinho é suficientemente forte para enfrentar todas as demais classes, portanto, na Alemanha e na Inglaterra — e na Itália, porque o apoio dos camponeses pobres é possível, pela propaganda, pela organização e pela luta. A própria revolução só poderá ocorrer quando a economia tiver sido abalada de tal maneira pela revolução nos maiores Estados (Rússia, Alemanha, Inglaterra) que as classes burguesas estejam suficientemente enfraquecidas.

Porque você me fará naturalmente uma concessão: é que não podemos definir nossa tática com base em acontecimentos que talvez ocorram mas que talvez não ocorram (apoio dos exércitos russos, insurreição hindu, crise terrível como jamais aconteceu, etc.).

* Você, companheiro, certamente não tentará ganhar uma batalha absolutizando as afirmações de seus adversários, como fazem os espíritos mesquinhos. Minha observação acima portanto só se destina a estes.

Então, companheiro, esta é a sua primeira grande falha: não ter visto a verdade sobre o significado dos camponeses pobres. É ao mesmo tempo a falha da Executiva em Moscou e do Congresso Internacional.

Continuando. Qual o significado, então, do ponto de vista da tática, do isolamento do proletariado ocidental (tão diferente da situação do proletariado russo), do fato de que ele não pode esperar nenhum apoio de lugar nenhum, de nenhuma outra classe?

Isto significa que entre nós a situação exigirá das massas muito maiores esforços do que na Rússia.

E, em segundo lugar, que a importância dos dirigentes é proporcionalmente menor.

Porque as massas russas, os proletários, previam com exatidão, e já constatavam durante a guerra — e isto saltava aos olhos —, que os camponeses se colocariam rapidamente ao seu lado. Os proletários alemães, começando por falar apenas deles, sabem que terão de enfrentar o capitalismo alemão e o conjunto das demais classes.

Os proletários alemães, sem dúvida, já antes da guerra, contavam com 19 a 20 milhões de autênticos operários numa população de 70 milhões. Mas eles estão sozinhos em face das demais classes.

Encontram-se frente a um capitalismo muito mais forte do que os russos enfrentavam, e sem armas. Os russos estavam armados.

A revolução portanto exige ainda de cada proletário alemão, de cada indivíduo, muito mais coragem e espírito de sacrifício do que dos russos.

Isto deriva das relações econômicas, das relações de classes na Alemanha, e não de uma teoria qualquer ou da imaginação de revolucionários românticos ou de intelectuais.

Na medida em que aumenta a importância da classe, diminui proporcionalmente a importância dos dirigentes. O que não quer dizer que não devamos ter os melhores dirigentes possíveis: os melhores entre os melhores não são ainda bastante bons e nós estamos precisamente em busca deles. Isto significa apenas que, em comparação com a importância das massas, a dos dirigentes diminui.

Se precisássemos ganhar, como você, com sete ou oito milhões de proletários, um país de cento e sessenta milhões de habitantes,

então, claro, seria enorme a importância dos dirigentes! Quando precisamos vencer com tão poucos homens um tão grande número, a tática assume uma importância de primeira grandeza. Quando, como vocês, companheiros, temos tão poucas tropas, mas contamos com uma força auxiliar e um país tamanho, então o que importa, em primeiro lugar, é a tática *do dirigente*. Quando você começou a luta, companheiro Lênin, com um pequeno contingente de proletários, foi a sua tática, em primeiro lugar, que, no momento propício, orientou as batalhas e aglutinou os camponeses pobres.

Mas, e na Alemanha? Aqui a tática mais inteligente, a maior clareza, o próprio gênio do dirigente não é o essencial, nem o fator principal. Aqui, inexoravelmente, as classes estão em presença, uma contra todas. Aqui, o próprio proletariado deve decidir, como classe. Com o seu poderio, seu número. Mas o *seu poderio*, diante de um inimigo tão formidável e de uma superioridade de organização e de armamento tão esmagadora, *baseia-se principalmente em sua qualidade*.

Diante das classes proprietárias russas você estava como Davi diante de Golias. Davi era pequeno, mas tinha uma arma seguramente mortal. O proletariado alemão, inglês, europeu ocidental, está diante do capitalismo como gigante contra gigante. Para ele tudo depende somente da força. A força do corpo e, sobretudo, a do espírito.

Você não observou, companheiro Lênin, que não há "grandes" dirigentes na Alemanha? Todos são homens absolutamente comuns. O que já demonstra que esta revolução deve ser, em primeiro lugar, obra das massas e não dos dirigentes.

A meu ver, será algo grandioso, maior do que tudo que houve até agora. E uma indicação do que será o comunismo.

Isto ocorrerá na Alemanha e em toda a Europa Ocidental. Porque o proletariado está sozinho em todos os países.

Será a revolução das massas, não porque isto seja bom ou belo, ou inventado por alguém, mas porque é uma condição das relações econômicas e de classe. *

* Não me refiro aqui ao fato de que em função desta diferença de relação numérica (20 milhões em 70 milhões na Alemanha), a importância da massa

Esta diferença entre a Rússia e a Europa Ocidental provoca, além disso, as seguintes consequências:

1.^a) Quando você, ou a Executiva de Moscou, ou os comunistas oportunistas da Liga Spartacus ou do PC da Inglaterra que seguem suas orientações, quando vocês dizem que uma luta em torno da questão *dirigentes ou massas* é um contra-senso, não somente vocês cometem um erro em relação a nós que procuramos ainda um dirigente, mas também erram porque a questão tem para nós um significado completamente diferente do que tinha para vocês.

2.^a) Quando você vem nos dizer: dirigente e massa devem se fundir numa coisa só, você não se engana apenas em relação a nós que procuramos exatamente uma tal unidade, mas também em relação à questão que, para nós, tem um significado diferente do que para vocês.

3.^a) Quando você vem nos dizer: no partido comunista deve haver uma disciplina de ferro e uma centralização absoluta, militar, você não se engana apenas em relação a nós que procuramos efetivamente uma disciplina de ferro e uma forte centralização, mas também em relação à questão que, para nós, tem um significado diferente do que para vocês.

4.^a) Quando você vem nos dizer: na Rússia, agimos desta ou daquela forma (por exemplo, depois da ofensiva de Kornilov⁷ ou quando aconteceu um outro episódio importante), neste ou naquele período fomos ao parlamento, ou não permanecemos nos sindicatos, tudo isto não significa absolutamente nada e não leva necessariamente a que esta tática possa ou deva adequar-se a nós, porque as relações de classe na Europa Ocidental, na luta e na revolução, são totalmente diferentes da Rússia.

⁶ e dos dirigentes e a relação entre massa, partido e dirigentes, mesmo durante e no final da revolução, serão diferentes em relação à Rússia. O desenvolvimento desta questão, extremamente importante em si mesma, me levaria muito longe agora.

⁷ Kornilov, um general czarista, inconformado com o constitucionalismo de Kerensky e a ascensão dos soviets (conselhos), pretendia, mediante um golpe de Estado, restabelecer a Monarquia. Sua tentativa foi derrotada. (N. do Org.)

5.^a) Quando você, ou a Executiva de Moscou, ou os comunistas oportunistas na Europa Ocidental, pretendem nos impor uma tática que era perfeitamente correta na Rússia — por exemplo, uma tática concebida e baseada consciente ou inconscientemente no fato de que os camponeses pobres ou outras camadas de trabalhadores viriam rapidamente para o lado de vocês, ou seja, no fato de que o proletariado não estava só —, esta tática prescrita para nós, ou aplicada aqui, conduzirá o proletariado ocidental apenas à sua perda e a derrotas terríveis.

6.^a) Quando você, ou a Executiva em Moscou, ou os elementos oportunistas na Europa Ocidental, como a central da Liga Spartacus na Alemanha e o BSP na Inglaterra, quando vocês querem nos impor, aqui, na Europa Ocidental, uma tática oportunista (o oportunismo sempre se apóia em elementos estranhos prontos a abandonar o proletariado), vocês cometem um erro.

São as seguintes as bases gerais sobre as quais deve ser formulada a tática na Europa Ocidental: o isolamento do proletariado, a ausência de perspectivas de aliados, a importância superior da massa e a menor importância relativa dos dirigentes.

Nem Radek quando estava na Alemanha, nem a Executiva da Internacional em Moscou, nem você mesmo, de acordo com os seus textos, não perceberam estas bases.

Sobre estas bases, o isolamento do proletariado e a predominância das massas e dos indivíduos, formula-se a tática do KAPD, do Partido Comunista de Sylvia Pankhurst,⁸ e da maioria da Comissão de Amsterdã,⁹ tal como foi nomeada por Moscou.

Por estas razões, eles tentam principalmente educar as massas, como unidade e como conjunto de indivíduos, num nível muito mais alto de desenvolvimento, tentam educar os proletários, um por um, para fazer deles combatentes revolucionários, advertindo-os claramente

* Ao menos até o momento.

⁸ Sylvia Pankhurst foi uma das primeiras líderes trabalhista e feminista na Grã-Bretanha, de indiscutível prestígio popular na época. (N. do Org.)

⁹ Comissão de Amsterdã, formada por elementos que romperam com a II Internacional e procuraram aproximar-se da III Internacional, apoiando a noção da importância das bases em relação aos dirigentes e da ação direta das massas em relação aos líderes que "falavam" em seu nome. (N. do Org.)

(não só pela teoria, mas sobretudo pela prática) de que tudo depende deles, de que não devem esperar nada da ajuda estrangeira, nem de outras classes, e muito pouco de seus dirigentes, mas tudo deles próprios.

Teoricamente, portanto, se não se levam em consideração excessos particulares, questões de detalhe e certas aberrações, como as de Wolfheim e de Laufenberg, inevitáveis no início de um movimento, a concepção dos partidos e dos companheiros citados acima é totalmente correta e a sua ofensiva é falsa, completamente falsa.*

Se viajamos de Leste para Oeste da Europa, atravessamos, num certo momento, uma fronteira econômica. Ela vai do Báltico ao Mediterrâneo, mais ou menos de Dantzig à Veneza. É a linha de demarcação de dois mundos. A ocidente desta linha, o capital industrial, comercial e bancário, unificado no capital financeiro desenvolvido no mais alto nível, domina quase completamente. O próprio capital agrário está subordinado a este capital ou já foi obrigado a se unificar com ele. Este capital é altamente organizado e se concentra nos mais sólidos governos e Estados do mundo.

A leste desta linha, não existe nem o imenso desenvolvimento do capital concentrado da indústria, do comércio, dos transportes, dos bancos, nem sua dominação quase absoluta, nem, conseqüentemente, o Estado moderno solidamente edificado.

Seria portanto um milagre que a tática do proletariado revolucionário fosse a mesma a leste e a oeste desta linha.

A QUESTÃO SINDICAL

Depois de ter formulado estas bases teóricas gerais, quero tentar agora provar que, na prática, também a esquerda na Alemanha e na

* Na discussão com você fiquei surpreso pela utilização que você sempre faz das opiniões particulares do adversário e não de suas posições oficiais.

Inglaterra tem, geralmente, razão. Em particular nas questões sindical e parlamentar.

Começemos com a questão dos sindicatos.

“Da mesma forma que o parlamentarismo exprime o poder intelectual dos dirigentes sobre as massas operárias, o movimento sindical encarna sua dominação material. Os sindicatos constituem, no capitalismo, as organizações naturais para a unificação do proletariado — neste sentido, Marx, há muito tempo, sublinhou sua importância. No capitalismo desenvolvido e ainda mais na época imperialista, os sindicatos tornaram-se, e cada vez mais, associações gigantescas, que mostram a mesma tendência de desenvolvimento revelada anteriormente pelo próprio aparelho de Estado burguês. Neste último formou-se uma classe de empregados, uma burocracia que dispõe de todos os meios de governo, de organização, de dinheiro, da imprensa, da nomeação de subalternos; freqüentemente as prerrogativas dos funcionários vão ainda mais longe e, assim, de servidores da coletividade, eles se transformam em seus senhores, identificando-se a si próprios com a organização. Os sindicatos observam a mesma evolução do Estado e de sua burocracia: apesar da suposta democracia sindical, os seus membros não têm condições de fazer prevalecer sua vontade contra os funcionários; frente ao aparelho finamente organizado dos regulamentos e dos estatutos, toda e qualquer revolta se esfuma antes de conseguir abalar as altas esferas.

“Só por uma luta perseverante a toda prova é que uma organização consegue, às vezes, depois de anos, um sucesso relativo que resulta geralmente numa mudança de pessoas. Nos últimos anos, antes e depois da guerra, chegamos assim — na Inglaterra, na Alemanha, na América — a revoltas de militantes entrando em greve por sua própria conta, contra a vontade dos dirigentes ou das próprias resoluções do sindicato. O fato de que isto possa parecer natural, e ser assumido como tal, é o sinal claro de que a organização, longe de ser a coletividade dos membros, apresenta-se como um ser estranho, em certa medida, aos próprios membros. Os operários não são donos de seu sindicato, ao contrário, são dominados por ele como por uma força exterior contra a qual eles podem revoltar-se, embora esta força tenha sido criada por eles mesmos. Mais um ponto em

comum com o Estado. Depois, quando a revolta se acalma, a antiga direção se restabelece e sabe se manter, apesar do ódio e do ressentimento impotentes das massas, porque ela se apóia na indiferença e na falta de clareza, de vontade homogênea e perseverante das massas, e na necessidade interna do sindicato como único meio que os operários têm de unificar forças contra o capital.

"Lutando contra o capital, contra as suas tendências absolutistas e geradoras de miséria, limitando estas tendências e tornando assim possível a existência da classe operária, o movimento sindical começou a desempenhar um papel no capitalismo, transformando-se desta forma num membro da sociedade capitalista. Mas, quando a revolução começa, e o proletariado, de membro da sociedade capitalista, se torna o seu destruidor, terá de enfrentar o sindicato como um obstáculo.

"O que Marx e Lênin enfatizaram em relação ao Estado, ou seja, que sua organização, apesar do conteúdo formalmente democrático, é imprópria enquanto instrumento para a revolução proletária, vale, portanto, também para as organizações sindicais. Seu potencial contra-revolucionário não pode ser nem eliminado, nem atenuado por uma mudança de personalidades, pela substituição de dirigentes reacionários por homens de esquerda ou por revolucionários.

"É a própria forma organizacional que torna as massas mais ou menos impotentes, impedindo-as de fazer do sindicato o instrumento de sua vontade. A revolução só pode vencer destruindo este organismo, ou seja, transformando de alto a baixo esta forma organizacional de modo a que possa surgir algo inteiramente novo.

"O sistema dos conselhos, pelo seu próprio desenvolvimento, é capaz de extirpar pela raiz e de eliminar não somente a burocracia estatal, mas também a burocracia sindical, formando não só os novos órgãos políticos do proletariado contra o capitalismo, mas também as bases dos novos sindicatos. Nas discussões no Partido, na Alemanha, ironizou-se o fato de que qualquer forma de organização possa ser revolucionária, dependendo apenas da consciência revolucionária dos homens, dos aderentes. Mas se o conteúdo essencial da revolução consiste no fato de que as próprias massas assumem a direção de

seus problemas, a direção da sociedade e da produção — a consequência é que toda forma de organização que não permita às massas dominar e dirigir o seu próprio rumo é nociva e contra-revolucionária; por esta razão ela deve ser substituída por uma outra forma de organização que seja revolucionária, por permitir aos próprios operários decidir ativamente sobre todos os problemas" (Pannekoek).

Os sindicatos, por sua natureza, não são boas armas para a revolução na Europa Ocidental. Mesmo se eles não se houvessem transformado em instrumentos do capitalismo, mesmo se não estivessem controlados por traidores e se — nas mãos de quaisquer dirigentes — não estivessem, por natureza, destinados a transformar seus membros em escravos e instrumentos passivos, mesmo assim continuariam inutilizáveis.

Os sindicatos são muito fracos para a luta, para a revolução contra o capital organizado no mais alto nível, como é o caso da Europa Ocidental, e contra seu Estado. Um e outro são demasiadamente fortes para eles. Por um lado, os sindicatos são ainda associações por categoria profissional e basta isto para que não sejam capazes de fazer a revolução. E, na medida mesma em que são associações por categoria, não se apóiam diretamente na fábrica, nas seções, o que condiciona também sua fraqueza. Enfim, são menos agrupamentos de luta do que sociedades de ajuda mútua, produtos da época pequeno-burguesa.

Sua organização já era insuficiente para a luta antes que a revolução surgisse como uma possibilidade; para a própria revolução, na Europa Ocidental, ela é incapaz para qualquer tarefa. Porque as fábricas, os operários das fábricas, não fazem a revolução no âmbito de suas profissões, ou de suas categorias, mas nas seções. Além disso, os sindicatos são órgãos lentos no trabalho, demasiadamente complicados, bons apenas para os períodos de evolução. E é com estes miseráveis sindicatos, que, como se viu, devem ser destruídos de qualquer maneira, que se quer fazer a revolução... Os operários precisam de armas para a revolução na Europa Ocidental. As únicas armas para a revolução na Europa Ocidental são as organizações por fábrica. As organizações por fábrica reunidas numa grande unidade.

Os operários da Europa Ocidental precisam das melhores armas. Porque eles estão sós, porque não contam com aliados. Por isso, precisam das organizações por fábrica. Na Alemanha e na Inglaterra, rapidamente, porque a revolução é ali mais iminente. E também nos outros países, o mais depressa possível, desde que possamos fazê-las.

Companheiro Lênin, não adianta nada você dizer: na Rússia, agimos desta e daquela forma. Porque, em primeiro lugar, você não não tinha na Rússia organizações de luta tão ruins como são muitos sindicatos entre nós. Você contava com organizações por fábrica. Em segundo lugar, o espírito dos operários era mais revolucionário. Em terceiro lugar, a organização dos capitalistas era fraca. E também o Estado. Enfim, e no fundo, tudo depende disto, você contava com aliados. Você não precisava, portanto, das melhores dentre as melhores armas. Nós estamos sós, nós precisamos, portanto, de todas as melhores armas. Sem isto não venceremos, e seremos constantemente derrotados.

Mas existem ainda outras bases, morais e materiais, que demonstram a validade de nosso ponto de vista.

Imagine, companheiro, a situação na Alemanha antes e durante a guerra. Os sindicatos, sozinhos e fraquíssimos instrumentos, completamente controlados pelos dirigentes, estão como máquinas inertes, e os dirigentes os exploram em benefício do capitalismo. Sobrevém então a revolução. Os sindicatos são utilizados pelos dirigentes e pela massa dos associados como arma contra a revolução. Em função de seu apoio, de seu auxílio, pela ação de seus dirigentes e, em parte, também pela de seus associados, a revolução é assassinada. Os comunistas vêem as próprias forças fuziladas com o apoio dos sindicatos. As greves favoráveis à revolução são derrotadas. O companheiro imagina que seja possível aos operários revolucionários permanecerem em tais organizações depois do que houve? Se ainda por cima elas são ferramentas demasiadamente fracas para servir à revolução! Parece-me que é psicologicamente impossível. O que é que você teria feito como membro de um partido político, do partido menchevique, por exemplo, se ele tivesse agido assim durante a Revolução? Você teria "rachado" (se já não o tivesse feito anteriormente) . . . Você dirá: era um partido político, no caso de um sindicato as coisas são diferentes.

Acho que você comete um erro. Na revolução, enquanto dura a revolução, cada sindicato, até cada grupo operário, desempenha um papel de partido político a favor ou contra a revolução.

Mas você dirá, e chega mesmo a dizer em seu artigo, que estes movimentos sentimentais devem ser superados em prol da unidade e da propaganda comunista. Eu lhe demonstrarei que isto era impossível, na Alemanha, durante a revolução. Através de exemplos concretos. Porque devemos considerar esta questão também de um ponto de vista absolutamente concreto e unilateral. . . Suponhamos que existam na Alemanha cem mil estivadores, cem mil metalúrgicos e cem mil mineiros verdadeiramente revolucionários. Querem entrar em greve, combater, morrer pela revolução. Os outros milhões, não. Que devem fazer os trezentos mil? Em primeiro lugar, unir-se entre eles, formar uma liga para o combate. Você concorda com isto: os operários são impotentes sem organização. Mas uma nova liga frente às antigas associações já equivale a uma cisão, se não formal, ao menos real. Ainda que os partidários do novo agrupamento permaneçam associados aos antigos sindicatos. Imagine agora que os membros da nova organização passem a precisar de uma imprensa, de reuniões, de locais, de pessoas pagas. Isto custa muito dinheiro. E os operários alemães não têm quase nada. Para vivificar a nova associação, serão obrigados, mesmo se não o desejarem, a deixar a antiga. Portanto, considerando as coisas de um ponto de vista concreto, o que você quer, caro companheiro, é impossível.

Mas ainda existem melhores razões materiais. Os operários alemães que deixaram os sindicatos, e querem destruir os sindicatos, e criaram organizações por fábrica e a União Operária, se encontraram em plena revolução. Era preciso lutar imediatamente. A revolução exigia. Os sindicatos não quiseram lutar. Num momento como este de que adianta dizer: permaneçam nos sindicatos, propaguem suas idéias, vocês se tornarão certamente mais fortes e ganharão a maioria. Seria bem bonito, não se considerando o esmagamento das minorias, que é um fato bastante comum, e a própria esquerda o tentaria se ao menos tivesse tempo para isto. Mas não era possível esperar. A revolução acontecia. E ela ainda está acontecendo!

Durante a revolução (tome nota disto, companheiro, foi durante a revolução que os operários alemães "racharam", constituindo a sua União Operária) os operários revolucionários se separarão sempre dos sociais-patriotas. Para lutar num dado momento não há qualquer outra opção. Independentemente do que você e do que o Congresso da Internacional possam dizer, e da contrariedade que o "racha" possa provocar em você, ele sempre ocorrerá por razões psicológicas e materiais.

Porque os operários nem sempre podem tolerar ser fuzilados pelos sindicatos e porque é preciso lutar.

Foi por isso que os esquerdistas criaram a União Geral Operária. E como eles acreditam que a revolução na Alemanha não acabou ainda, mas continuará, até a vitória, eles agüentam a parada.

Companheiro Lênin! Se duas direções se formam no movimento operário, é possível encontrar uma solução fora da luta? E se existem orientações muito diferentes, opostas, pode-se encontrar uma outra saída que não seja o "racha"? Você já ouviu falar de uma outra solução? Existe algo de mais contraditório que a revolução e a contra-revolução?

Também por isso o KAPD e a União Geral Operária têm inteira razão.

No fundo, companheiro, estes "rachas", estas depurações, não foram sempre uma boa coisa para o proletariado? Não acabamos sempre percebendo isto mais tarde? Tenho uma certa experiência neste terreno. Quando estávamos ainda no partido social-patriota, não tínhamos nenhuma influência. Quando fomos jogados fora — no começo —, pouca influência. Mas depois passamos a ter uma grande influência, e, em seguida, rapidamente, uma influência muito grande. E como vocês, os bolcheviques, estavam depois do "racha", companheiro? Absolutamente bem, creio. Foi assim: de início, pequeno; mais tarde — grande. Agora, tudo. O crescimento de um grupo, por menor que seja, até que se torne mais poderoso, depende inteiramente do desenvolvimento econômico e político. Se a revolução continua na Alemanha, há boas razões para esperar que a importância e a influência da União Operária tornem-se preponderantes. Desde que ela não se deixe intimidar pelas relações numéricas: 70.000 contra 7.000.000.

Grupos muito menores tornaram-se os mais fortes. Entre os quais os bolcheviques!

Por que as organizações por fábrica e por local de trabalho, e a União Operária, que se baseia nesta organização, sendo formada por seus membros, são também excelentes armas (juntamente com os partidos comunistas, é claro), as melhores, as únicas boas armas disponíveis para a revolução na Europa Ocidental?

Porque os operários aqui atuam em seu próprio nome, infinitamente mais que nos velhos sindicatos, porque controlam seus dirigentes e, através deles, a própria orientação; e porque controlam a organização da fábrica e, através dela, toda a União.

Cada fábrica, cada lugar de trabalho é um todo. Na fábrica, os operários elegem seus homens de confiança. As organizações por fábrica são divididas em distritos econômicos. Ao nível dos distritos, elegem-se novamente homens de confiança. E os distritos, por sua vez, elegem a direção geral da União em todo o Reich.¹⁰

Assim, todas as organizações por fábrica, sem distinção das categorias a que pertençam, formam em conjunto uma só União Operária.

Como se vê, trata-se de uma organização totalmente voltada para a revolução.

Observa-se também uma outra coisa: aqui, o operário, cada operário, dispõe de um poder. Porque elege em seu lugar de trabalho seus próprios homens de confiança, tendo, através deles, uma influência direta no distrito e na União a nível do Reich. Há uma forte centralização, mas não excessiva. O indivíduo, com sua organização direta, a organização por fábrica, tem um grande poder. Pode destituir imediatamente seus homens de confiança, substituí-los ou forçá-los a substituir rapidamente as instâncias mais altas. Há individualismo, mas não excessivo.

Porque as instâncias centrais, conselhos regionais e conselho nacional gozam de uma grande autoridade. Indivíduo e direção têm tanto poder quanto é possível e necessário que tenham, na Europa Central, na fase em que vivemos, a da explosão da revolução.

¹⁰ Reich aqui é entendido como o conjunto da nação alemã. (N. do Org.)

Marx afirma que, no capitalismo, o cidadão diante do Estado não passa de uma abstração, um número. A mesma coisa ocorre nas velhas organizações sindicais. A burocracia, a própria essência da organização, constitui um mundo superior que escapa ao operário, flutuando acima dele, como o céu. Diante desta organização o operário é um número, uma abstração. Para ela o operário nem sequer chega a ser o homem que trabalha na seção, que é um ser vivo, com vontade e que luta. Substitua, nos velhos sindicatos, uma burocracia consolidada por um pessoal novo: em pouco tempo, você observará que os novos também adquirirão o mesmo caráter, elevando-se, afastando-se, desligando-se da massa. Noventa e nove por cento serão tiranos que se juntarão à burguesia. É uma consequência da essência da organização.

Como são diferentes as organizações por fábrica! Aqui é o próprio operário que decide sobre a tática, sobre a orientação da luta, fazendo valer imediatamente sua autoridade, se os dirigentes não atuam como ele quer. Aqui o operário está permanentemente no centro da luta, porque a fábrica, a seção de trabalho, são ao mesmo tempo a base de organização.

Ele é, na medida do possível em condições capitalistas, o artesão e o senhor de seu próprio destino, e como isso acontece com todos, *a massa trava e dirige seu próprio combate*. Uma situação bem melhor, infinitamente melhor, de qualquer forma, do que seria possível nas velhas organizações econômicas, reformistas ou sindicalistas. *

Pelo próprio fato de transformarem os indivíduos, e, em consequência, as massas, em agentes diretos e bases da luta, e em suas lideranças, as organizações por fábrica e a União Operária são verdadeiramente as melhores armas para a revolução, as armas de que precisamos na Europa Ocidental para derrubar sem aliados e sem ajuda o capitalismo mais poderoso de todo o mundo.

Mas, companheiro, no fundo, todos estes argumentos são ainda bastante fracos em face da última e fundamental razão, a qual está

* Naturalmente, é importante compreender que uma nova correlação entre individualismo e centralismo não já está dada como um fato acabado, mas é uma realidade em formação, um processo em desenvolvimento que só se completará através da luta.

intimamente ligada aos princípios mencionados por mim no início. Esta razão é decisiva para o KAPD e para o partido de oposição na Inglaterra: estes partidos querem elevar a um nível superior a consciência das massas e dos indivíduos na Alemanha e na Inglaterra.

Para isto, segundo tais partidos, só há um meio. E, mais uma vez, desejaria lhe perguntar se você conhece um outro método no movimento operário. Trata-se da formação, da educação *de um grupo que mostre pela luta em que deve se transformar a massa*. Mostre-me, companheiro, um outro meio se você tiver conhecimento. Quanto a mim, não conheço outros.

No movimento operário, e particularmente na revolução, a meu ver, só há uma comprovação, a do exemplo e a da ação.

Os companheiros de "esquerda" acreditam ser possível, através deste pequeno grupo lutando contra o capitalismo e os sindicatos, ganhar os sindicatos para si, ou mesmo, porque isto não é impossível, empurrá-los, pouco a pouco, para melhores caminhos.

Isto só será viável através do exemplo. Para elevar o nível revolucionário dos operários alemães, estas novas formações — as organizações por fábrica — são portanto absolutamente indispensáveis.

Da mesma forma que os partidos comunistas se colocam frente aos partidos sociais-patriotas, a nova formação, a União Operária, deve tomar posição frente aos sindicatos. *

Para transformar as massas avassaladas pelo reformismo e pelo social-patriotismo, só o exemplo poderá ser eficaz.

Examinarei agora o caso da Inglaterra, da esquerda inglesa. A Inglaterra, depois da Alemanha, é o país mais próximo da revolução. Não que a situação já seja revolucionária, mas porque o proletariado é particularmente numeroso, e a situação econômica do capitalismo é favorável no mais alto nível. Bastará um forte empurrão para o combate começar e ele terminará inevitavelmente por uma vitória. É o que sentem, é o que sabem quase instintivamente os operários mais avançados da Inglaterra (como todos nós o sentimos), e, porque

* A sua observação sarcástica de que a própria União Operária não pode ser pura não nos atinge. Ela só seria correta no quadro da luta da União por melhorias no capitalismo, mas não no quadro da luta da União pela revolução.

sentem isto, fundaram, como na Alemanha, um novo movimento... que se esboça e tateia diversos caminhos, exatamente como na Alemanha — o movimento dos Rank and File, das massas por elas mesmas, sem dirigentes ou mais ou menos como se eles não existissem.*

Estes movimentos parecem muito com a União Operária alemã através de suas organizações por fábrica.

O companheiro observou que este movimento surgiu unicamente nos dois países mais avançados? E no seio da própria classe operária? E em muitos lugares? ** Isto já é, em si mesmo, uma prova de espontaneidade irresistível.

Na Inglaterra o movimento, a luta contra os sindicatos, é ainda mais necessário que na Alemanha. As Trade-Unions inglesas não são apenas instrumentos controlados pelos dirigentes para apoiar o capitalismo, mas representam ferramentas ainda mais inutilizáveis para a revolução que os sindicatos alemães. Sua formação remonta muitas vezes ao começo do século XIX ou mesmo ao século XVIII, nos tempos das lutas individuais, mesquinhas. Não existem ainda na Inglaterra indústrias com vinte e cinco uniões sindicais, brigando entre si, numa luta de vida ou morte, para recrutar associados!! E em tudo isto os associados não têm nenhuma autoridade. Você deseja, companheiro Lênin, conservar também estas organizações?

Devemos também nos abster de combatê-las, de rachá-las, de aniquilá-las? Se estamos contra as Uniões Operárias, devemos também ser contra os Shop-Committees, os Shop-Stewards e as Uniões Industriais. Se somos favoráveis às últimas, devemos também apoiar as outras, porque os comunistas lutam pelos mesmos objetivos nos dois casos.

A nova corrente no movimento das Trade-Unions poderá servir à esquerda comunista na Inglaterra para aniquilar os sindicatos ingleses assim como eles hoje se apresentam, e para substituí-los por novos instrumentos da luta de classe, que sejam utilizáveis para a

* Os Shop-Committees, Shop-Stewards, e, particularmente no País de Gales, as Industrial Unions.

** Afirmar que este movimento na Alemanha foi provocado "de cima para baixo" não passa de uma calúnia.

revolução. As mesmas razões formuladas para o movimento alemão são válidas também aqui.

Li na carta do Comitê Executivo da III Internacional ao KAPD que a Executiva é favorável aos IWW¹¹ da América desde que esta organização esteja de acordo em aderir ao e a agir politicamente com o Partido Comunista. E os IWW não são obrigados a atuar nos sindicatos americanos! E entretanto a Executiva é contra a União Operária na Alemanha, e a obriga a se fundir com os sindicatos, embora seja comunista e colabore com o partido político.

E você, companheiro Lênin, você é favorável ao movimento dos Rank and File na Inglaterra (o qual, no entanto, já provoca uma cisão, e onde há muitos comunistas desejando a destruição dos sindicatos!) e você é contra a União Operária na Alemanha.

Só posso ver oportunismo em sua atitude e na do Comitê Executivo. E, pior que tudo, um oportunismo errado.

Naturalmente a esquerda comunista na Inglaterra não pode ir tão longe como na Alemanha porque a revolução não está ainda à vista. Ela ainda não pode organizar o Rank and File Movement numa grande escala, em todas as regiões, e com um objetivo imediatamente revolucionário. Mas a esquerda inglesa prepara isto. E logo que a revolução aconteça, os operários deixarão em massa as velhas organizações incapazes de servir à revolução, afluindo para as organizações por fábrica e por indústria.

Eles virão pelo próprio fato de que a esquerda comunista atua antes de tudo no movimento, esforçando-se, antes de tudo, por semear as idéias comunistas no movimento, e, em função de seu exemplo, os operários já estão, agora, educados num nível superior.* Este é, como na Alemanha, o seu objetivo *essencial*.

¹¹ Abreviatura de uma organização norte-americana de caráter sindicalista revolucionário. Privilegiava o sindicato como motor da mudança social, desconsiderando a ação partidária e parlamentar. (N. do Org.)

* Você nos apresenta, companheiro, como já outros o fizeram tantas vezes, o argumento de que os comunistas desligam-se das massas, se deixam os sindicatos. Mas não é nas fábricas que o contato se faz todos os dias? E as fábricas já não se transformaram, neste momento, em algo mais do que um lugar de contato, em algo parecido a um local de deliberação? Se é assim, como os "esquerdistas" poderiam desligar-se das massas?

A União Geral Operária (AAU) e o Rank and File Movement, apoiando-se nas fábricas, nos locais de trabalho, e somente neles, são os precursores dos conselhos operários, dos soviets. A revolução na Europa Ocidental será muito mais difícil e, exatamente porque o seu desenvolvimento será lento, haverá uma fase de transição muito longa em que os sindicatos serão inservíveis, mas os soviets ainda não existirão. A fase de transição será caracterizada pela luta contra os sindicatos através de sua transformação ou substituição por melhores organizações. Você não precisa ficar aflito em relação a isto, temos tempo para fazê-lo!

Ainda mais uma vez: isto não acontecerá porque nós, os esquerdistas, o queiramos, mas porque a revolução exige esta nova forma de organização, sem a qual ela não pode vencer.

Rank and File Movement na Inglaterra, União Operária na Alemanha, vocês precisam ser ousados! Vocês são os precursores dos soviets na Europa. Ousadia! Vocês são as primeiras organizações para conduzir, juntamente com os partidos comunistas, contra o capitalismo na Europa Ocidental, a luta da revolução!

Companheiro Lênin, você quer nos obrigar, a nós da Europa Ocidental, que estamos sem aliados frente a um capitalismo ainda e agora absolutamente poderoso, extremamente organizado (organizado em todos os setores e em todos os sentidos), fortemente armado (e exatamente por isso precisamos das melhores e das mais poderosas armas), você quer nos obrigar a usar armas ruins. Você que impor estes miseráveis sindicatos a nós que queremos organizar a revolução nas fábricas e de acordo com as fábricas. A revolução no Ocidente só pode ser organizada na base da fábrica e nas fábricas. Isto acontecerá porque é nas fábricas que o capitalismo está altamente organizado em todos os sentidos, economicamente e politicamente, e porque os operários (fora do Partido Comunista) não têm outra arma sólida. (Os russos estavam armados e contavam com os camponeses pobres. O que as armas e o apoio dos camponeses pobres representaram para os russos, a tática e a organização devem representar para nós, neste momento.) E é neste momento que você defende os sindicatos. Nós devemos, por razões psicológicas e materiais, lutar contra os sindicatos no processo revolucionário — e você quer nos impedir

de conduzir esta luta. Nós só podemos lutar através de "rachas" e você se coloca como obstáculo em nosso caminho. Nós queremos formar grupos que dêem o exemplo, e este é o único meio de mostrar ao proletariado o que nós queremos, e você nos proíbe de dar o exemplo. Nós queremos elevar o nível do proletariado ocidental e você nos atrapalha a caminhada.

Você não quer "racha", novas formações, nem, em conseqüência, elevação da consciência a um nível superior!

E por quê?

Porque você quer contar com os grandes partidos e com os grandes sindicatos na III Internacional.

Isto nos parece ser oportunismo, oportunismo da pior espécie.*

Você atua hoje na III Internacional de uma forma totalmente diferente da que era a sua, antigamente, no partido dos maximalistas. Este conservou-se muito "puro" e, até hoje, talvez, permanece assim. Enquanto isso você acha que na Internacional devemos admitir, rapidamente, todos os que sejam comunistas pela metade, por um quarto ou mesmo por um oitavo.

Trata-se de uma maldição pesando sobre o movimento operário: logo que obtém um certo "poder", tende a aumentá-lo abandonando os princípios. A própria social-democracia também era "pura" em sua origem, em quase todos os países. A maior parte dos atuais sociais-patriotas eram autênticos marxistas. As massas foram ganhas pela propaganda marxista. Mas logo que se conseguiu uma certa força, os princípios foram abandonados.

Você e a III Internacional comportam-se hoje da mesma forma que os sociais-democratas antigamente. Agora, naturalmente, não mais em limites nacionais, mas numa escala internacional. A Revolução

* O seguinte exemplo pode nos dar uma idéia do caos para onde o oportunismo nos leva: em certos países, ao lado dos sindicatos reformistas, existem organizações sindicalistas que lutam melhor que as primeiras, apesar de serem ruins. As teses de Moscou exigem o ingresso destas organizações sindicalistas nas grandes organizações reformistas. Obrigam, assim, por exemplo, na Holanda, os comunistas a serem "fura-greves". Mas ainda há mais: a União Operária alemã é condenada porque defende o "racha". Mas o que faz a Internacional? Constrói uma nova Internacional sindical!...

Russa foi vitoriosa pela "pureza", pela firmeza dos princípios. No momento atual o proletariado dispõe, com ela, de um certo "poder". Seria necessário estender este poder por toda a Europa. Mas é exatamente agora que se abandona a velha tática!!

Em vez de aplicar agora também a todos os demais países uma tática comprovada, reforçando assim, internamente, a III Internacional, adota-se uma posição diametralmente oposta, aderindo-se ao oportunismo, exatamente como fez a social-democracia antigamente. E constatamos que todo o mundo ingressa: os sindicatos, os independentes, o centro francês,¹² uma fração do Labour Party.

Para salvar as aparências do marxismo, estipulam-se condições, que é preciso *assinar* (!!). Kautsky, Hilferding, Thomas, etc., são postos no *index*. Mas o ingresso das amplas massas, do elemento médio, é admitido e todos os meios são bons para estimular o processo. Para que o centro se fortaleça mais, os "esquerdistas" não são admitidos se não concordam em passar para o centro! *Os melhores elementos revolucionários, como o KAPD, são assim mantidos de fora!*

E, quando se conseguiu unificar a grande massa em torno de uma linha mediana, todos se põem em marcha sob uma disciplina de ferro, dirigidos por homens que foram provados desta forma extraordinária.

Para onde? — Para o abismo.

Para que servem os imponentes princípios, as brilhantes teses da III Internacional se, na prática, cai-se no oportunismo?

A II Internacional também tinha os mais belos princípios, mas naufragou neste tipo de prática.

Nós, os esquerdistas, não queremos que isto aconteça. Queremos, inicialmente, formar na Europa Ocidental, exatamente como fizeram os bolcheviques outrora na Rússia, núcleos muito sólidos, muito conscientes, e muitos fortes (mesmo que devam ser pequenos no começo). Depois que estiverem formados, trataremos de aumentá-los. Mas sempre num terreno cada vez mais sólido, cada vez mais firme,

¹² Independentes e o centro francês constituíam grupúsculos de centro-esquerda, que tiveram curta vida. (N. do Org.)

cada vez mais "puro". Só assim poderemos vencer na Europa Ocidental. Por isso recusamos totalmente a sua tática, companheiro.

Você afirma, companheiro, que nós, membros da Comissão de Amsterdã, esquecemos ou não aprendemos as lições das revoluções anteriores. Ora, companheiro! Eu me lembro muito bem de um fato que diz respeito às revoluções passadas. É o seguinte: os partidos de "extrema-esquerda" sempre desempenharam um papel eminente, de primeiro plano. Foi assim na revolução holandesa contra a Espanha, na revolução inglesa, na revolução francesa, na Comuna e nas duas revoluções russas.

Ora, quanto ao desenvolvimento do movimento operário, existem duas correntes na revolução da Europa Ocidental: a radical e a oportunista. Elas só podem chegar a uma boa tática, à unidade, através da luta entre si. Mas a corrente radical é de longe a melhor, apesar de excessos em certos detalhes, talvez. E você, companheiro Lênin, apóia a corrente oportunista!

E isto não é tudo! A Executiva de Moscou, os dirigentes russos de uma revolução que só venceu porque teve o apoio de um exército de milhões de camponeses pobres, querem impor sua tática ao proletariado da Europa Ocidental que está e deve estar só.

E, para atingir este objetivo, destroem, como você, a melhor corrente da Europa Ocidental!

Que besteira incrível, e, sobretudo, que dialética!

Quando a revolução explodir no Ocidente da Europa, você verá o que acontecerá com o sonho azul desta tática! Mas o proletariado é que será a vítima.

Você, companheiro, e a Executiva de Moscou, sabem que os sindicatos representam forças contra-revolucionárias. É o que se deduz claramente das suas teses. Apesar disso você quer conservá-los. Você também sabe que a União Operária, ou seja, as organizações por fábrica, o Rank and File Movement¹³ são organizações revolucionárias. Você próprio afirma em suas teses que as organizações por

¹³ Organizações que privilegiavam os comitês de fábrica como base da ação sindical. (N. do Org.)

fábrica devem ser e são nosso objetivo. Apesar disso você quer esmagá-las. Você quer esmagar as organizações nas quais os operários, cada operário, e, em consequência, a massa, podem chegar a ter a força e o poder, e quer conservar aquelas onde a massa é um instrumento morto na mão dos dirigentes. Assim, você quer controlar os sindicatos colocando-os nas mãos da III Internacional.

Por que você quer isto? Por que você adota esta tática ruim? Porque você quer antes de tudo agrupar em torno de você as massas, seja qual for o seu nível. Porque, na sua avaliação, basta que as massas estejam enquadradas numa disciplina firme e centralizada (de uma forma comunista, meio comunista, ou nada comunista...), que vocês, os dirigentes, conseguirão a vitória.

Em uma palavra: porque você aplica uma política de dirigente.

A política de dirigente não é a política que deseja dirigentes e centralização — sem isso nada se pode obter (assim como sem partido nada se pode obter), mas a política que agrupa as massas sem consultá-las sobre suas convicções e seus sentimentos, imaginando que os dirigentes podem vencer, bastando para isto que tenham grandes massas em torno deles.

Mas esta política, defendida hoje por você e pela Executiva em relação à questão sindical, não terá sucesso na Europa Ocidental. Porque o capitalismo é, no momento atual, muito mais forte, e o proletariado só pode contar com suas próprias forças. A sua política fracassará como a da II Internacional.

Aqui, os operários devem se tornar fortes por eles mesmos e só depois por seus dirigentes. Aqui, o mal, a política de dirigente, deve ser destruído pela raiz.

Você afirma que a "esquerda" se perde no palavrório quando relação à questão sindical (e nisto vocês tiveram sucesso) o seguinte: *se vocês não mudarem de tática, não poderão dirigir a revolução na Europa Ocidental.*

Você afirma que a "esquerda" se perde no palavrório quando pretende aplicar a sua tática. Ora, companheiro, a "esquerda" teve muito pouca, ou não teve, oportunidade de agir em outros países. Mas olhe somente para a Alemanha, considere a tática e o trabalho

do KAPD durante o golpe de Kapp¹⁴ e em relação à revolução russa e você será obrigado a retirar o que disse.

O PARLAMENTARISMO

Ainda falta defender a Esquerda contra você em relação à questão do parlamentarismo. * A linha de esquerda, também em relação a esta questão, baseia-se nas mesmas razões gerais e teóricas levantadas quanto à questão sindical: isolamento do proletariado, enorme poderio do inimigo, necessidade de a massa se educar à altura de sua tarefa, de, antes de tudo, só acreditar nela mesma, etc. Não preciso expor novamente todas estas razões.

Mas neste ponto, e em relação à questão sindical, ainda existem razões suplementares.

Para começar: os operários e, em geral, as massas trabalhadoras da Europa Ocidental estão totalmente sob a dependência ideológica da cultura burguesa, das concepções burguesas e, em consequência, do sistema representativo e do parlamentarismo burguês, da democracia burguesa, num nível muito mais alto que os operários da Europa Oriental.

Entre nós a ideologia burguesa tomou conta de toda a vida social e, em consequência, também da vida política, penetrando profundamente na cabeça e no coração dos operários. É neste quadro que foram educados, cresceram, e isto já há muitos séculos. Eles estão saturados pelas concepções burguesas.

¹⁴ Kapp fora um general que pretendia dar um golpe de Estado na época da República de Weimar; a reação dos liberais e da esquerda derrota-o nessa tentativa. (N. do Org.)

* No começo pensei que se tratava de uma questão secundária. A atitude oportunista do Spartacusbund quando do golpe de Kapp e a que você adota no seu texto, em relação à questão, me persuadiram que se tratava de uma importante questão.

O companheiro Pannekoek descreve muito apropriadamente a situação na revista *Comunismo*, publicada em Viena.

"A experiência alemã nos coloca frente ao grande problema da revolução na Europa Ocidental. Nestes países o modo de produção burguês e a sua cultura secular altamente desenvolvida marcaram profundamente a maneira de sentir e de pensar das massas populares. Por isso o seu caráter íntimo e espiritual é completamente diferente do que existe nos países orientais que nunca conheceram a dominação burguesa. E é nisto que reside, antes de tudo, a diferença do processo revolucionário a leste e a oeste da Europa. Na Inglaterra, França, Holanda, Escandinávia, Itália, Alemanha, uma forte burguesia florescia desde a Idade Média, na base de uma produção pequeno-burguesa e capitalista primitiva. E, quando se derrubou o feudalismo, desenvolveu-se igualmente no campo uma classe forte e independente de camponeses, que se tornou senhora de sua própria pequena economia. Nesta base desenvolveu-se a vida espiritual burguesa numa sólida cultura nacional. Isto ocorreu principalmente nos Estados litorâneos como a Inglaterra e a França, que tomaram a dianteira do desenvolvimento capitalista. Sujeitando o conjunto da economia à sua direção, vinculando mesmo as fazendas mais longínquas à esfera de sua economia mundial, o capitalismo, durante o século XIX, elevou o nível da cultura nacional, refinou-a, e através de seus meios espirituais de propaganda — a imprensa, a escola e a igreja — forjou com base neste modelo o cérebro popular, tanto no que se refere às massas proletarizadas atraídas para a cidade como em relação às que ficaram no campo.

"Tais considerações são válidas não somente para os países de origem do capitalismo mas também, embora sob formas um pouco diferentes, para a Austrália e a América, onde os europeus fundaram novos Estados, da mesma forma que para os países da Europa Central, como a Alemanha, a Áustria e a Itália, onde o novo desenvolvimento capitalista pôde se enxertar na antiga economia retardatária e na cultura pequeno-burguesa. O capitalismo, quando penetrou nos países da Europa do Leste, encontrou um material e tradições inteiramente diferentes. Na Rússia, na Polônia, na Hungria e nos países a leste do Elba não se encontra mais uma burguesia forte

para dominar tradicionalmente a vida espiritual. A situação agrária, caracterizada pela grande propriedade fundiária, pelo feudalismo patriarcal e pelo comunismo de aldeia, dava o tom à ideologia."

Frente ao problema ideológico, o companheiro Pannekoek tocou a nota certa nesta citação. Muito melhor do que nós, ele demonstrou ao nível ideológico a diferença entre a Europa Ocidental e Oriental, revelando, deste ponto de vista, a chave de uma tática revolucionária para a Europa Ocidental.

Se se estabelece a ligação disso com a causa material da força inimiga, ou seja, com o capital financeiro, então o conjunto da tática torna-se claro.

No entanto, pode-se dizer mais a respeito do problema ideológico. A liberdade burguesa, a força do parlamento, foram uma conquista das gerações anteriores, dos antepassados, em sua luta libertadora na Europa Ocidental; conquista utilizada pelos proprietários, mas realizada pelo povo. A lembrança destas lutas é ainda uma tradição profundamente enraizada no sangue do povo. De fato, uma revolução é a lembrança mais profunda de um povo. O raciocínio de que ser representado no parlamento representa uma vitória atua inconscientemente como uma força imensa e tranqüila. Isto é sobretudo válido para os mais velhos países de burguesia, onde houve longas e constantes lutas pela liberdade: na Inglaterra, na Holanda e na França. E também, mas numa medida menor, na Alemanha, na Bélgica e nos países escandinavos. Um habitante da Europa Oriental não pode provavelmente imaginar a força que pode assumir esta influência.

Além disso, os operários lutaram aqui, freqüentemente durante muitos anos, pelo sufrágio universal, e o conquistaram na luta, direta ou indiretamente. A vitória produziu resultados na época. São generalizados o pensamento e o sentimento de que ter representantes no parlamento burguês, atribuindo-lhes a defesa de seus próprios interesses, constitui uma vitória e um progresso. Não se deve também subestimar a força desta ideologia.

E, finalmente, a classe operária da Europa Ocidental caiu no reformismo sob a direção dos parlamentares que a conduziram à guerra, à aliança com o capitalismo. A influência do reformismo

também é gigantesca. Por todas estas razões o operário tornou-se escravo do parlamento, deixando-o agir sem controles. O próprio operário não atua mais.*

Sobrevém a revolução. Agora ele próprio deve fazer tudo. O operário deve lutar sozinho, contando apenas com sua classe, contra o tremendo inimigo, deve travar a luta mais terrível de todos os tempos. Nenhuma tática de dirigente pode ajudá-lo. Todas as classes formam uma muralha abrupta diante dele, e nenhuma está com ele. Ao contrário, se ele se abandona aos seus dirigentes ou a outras classes no parlamento, um grande perigo o ameaça — o de voltar a cair em sua antiga fraqueza, deixando os dirigentes agirem por conta própria, o de se perder no sonho de que outros podem fazer a revolução por ele, o de ir a reboque das ilusões, o de continuar dominado pela ideologia burguesa.

Esta atitude das massas em relação aos dirigentes é também muito bem descrita pelo companheiro Pannekoek:

“O parlamentarismo é a forma típica da luta mediada por dirigentes, em que as massas desempenham um papel secundário. Sua prática consiste no fato de que deputados, personalidades particulares, travam a luta essencial. Eles devem, em consequência, despertar nas massas a ilusão de que outros podem travar a luta por elas. Antigamente, acreditava-se que os dirigentes poderiam obter reformas importantes para os operários através da via parlamentar, prevalecendo mesmo a ilusão de que os parlamentares poderiam realizar a revolução socialista através de medidas legislativas. Hoje, na medida em que o parlamentarismo tem um ar mais modesto, avança-se o argumento de que os deputados podem fazer uma grande propaganda pelo comunismo no parlamento. Mas sempre a importância decisiva é atribuída aos dirigentes. Naturalmente, encontram-se nesta situação os profissionais que dirigem a política — se necessário sob o disfarce democrático das discussões e resoluções de congressos. A história da social-democracia é, deste ponto de vista, uma lição de tentativas inúteis no sentido de que os próprios membros do partido determinem

* Esta grande influência, o conjunto desta ideologia da Europa Ocidental, dos Estados Unidos e das colônias inglesas, não é compreendida na Europa do Leste, na Turquia e nos Balcãs (para não falar da Ásia).

a linha política. Sempre que o proletariado luta pela via parlamentar isto é inevitável, e a situação permanecerá a mesma enquanto as massas não criarem órgãos para a sua própria ação, ou seja, enquanto a revolução estiver ainda por vir. Mas logo que as próprias massas entram em cena, para decidir e agir, os defeitos do parlamentarismo pesam na balança.

“O problema da tática consiste em encontrar os meios de extirpar a mentalidade tradicional burguesa que domina a sociedade e enfraquece as forças da massa dos proletários. Tudo o que fortalece novamente a concepção tradicional é nocivo. O aspecto mais firme, mais persistente desta mentalidade é exatamente sua dependência em relação aos dirigentes, aos quais os operários entregam a solução de todas as questões gerais, a direção de seus interesses de classe. O parlamentarismo tende inevitavelmente a paralisar a atividade das massas necessária à revolução. Podem-se proferir belos discursos para despertar a ação revolucionária! A atividade revolucionária não se alimenta de tais frases, mas apenas da dura e difícil necessidade, quando não há outra saída.

“A revolução exige ainda algo mais que o combate das massas, capaz de derrubar um sistema governamental; sabemos que isto não pode ser provocado, mas deverá originar-se na necessidade profunda das massas. A revolução exige que o proletariado assuma as grandes questões da reconstrução social, as decisões mais difíceis, a revolução exige que o proletariado assumá integralmente o movimento criador. E isto é impossível se, de início, a vanguarda, e depois as massas, sempre e cada vez mais amplas, não tomarem as coisas em suas mãos, não se considerarem como responsáveis, não se dedicarem a tentar, a fazer a propaganda, a lutar, a procurar, a pensar, a pesar, a ousar e a executar até o fim. Mas tudo isto é difícil e penoso. Enquanto a classe operária for levada a acreditar na possibilidade de um caminho mais fácil onde outros atuem em seu lugar — conduzam a agitação de uma tribuna elevada, tomem decisões, dêem o sinal para a ação, façam leis — ela vacilará e ficará passiva sob o peso da velha mentalidade e das velhas debilidades.”

Os operários da Europa Ocidental devem — é preciso repetir isto mil vezes e, se for necessário, cem mil, um milhão de vezes (e

quem não compreendeu isto e não aprendeu esta lição dos acontecimentos desde novembro de 1918 é um cego, mesmo se tratando de você, companheiro), os operários do Ocidente devem agir, antes de tudo, por sua própria conta, não somente no terreno sindical, mas também no terreno político. Porque eles estão sós e nenhuma astúcia tática dos dirigentes poderia ajudá-los. A maior força de impulsão deve surgir deles mesmos. Aqui, pela primeira vez, num nível mais alto que na Rússia, a emancipação da classe operária será obra dos próprios operários. É por isto que os companheiros da "esquerda" têm razão quando dizem aos companheiros alemães: não participem das eleições, boicotem o parlamento. Politicamente é preciso que vocês próprios façam tudo. Vocês não serão vitoriosos enquanto não tiverem consciência desta verdade e não agirem em consequência. Vocês apenas vencerão se agirem assim durante dois, cinco, dez anos, esforçando-se homem por homem, grupo por grupo, em cada cidade, em cada província, enfim, em todo o país, como Partido, como União, como Conselhos de Fábrica, como Massa, como Classe. Através do exemplo e da luta sempre renovados, através das derrotas, a grande maioria de vocês acabará formando um bloco e poderá, depois de ter passado por esta escola, constituir uma massa grande e homogênea.

Mas os companheiros, os esquerdistas do KAPD, teriam cometido um grave erro se houvessem defendido esta linha apenas em palavras, pela propaganda. Na questão política, a luta e o exemplo têm ainda mais importância que na questão sindical.

Os companheiros do KAPD tinham pleno direito e obedeciam a uma necessidade histórica quando se separaram rapidamente do Spartacusbund, "rachando" com ele, ou melhor, com a sua central — quando esta não quis mais desenvolver esta propaganda. De fato, o proletariado alemão e os operários da Europa Ocidental precisavam, antes de tudo, de um exemplo. Era necessário, no quadro de um povo de escravos políticos, no mundo de oprimidos da Europa Ocidental, surgir um grupo exemplar de combatentes livres, sem dirigentes, ou seja, sem dirigentes à moda antiga. Sem deputados no parlamento.

E isto, sempre, não porque fosse belo ou bom, ou porque dessa forma fosse heróico ou maravilhoso, mas porque o povo trabalhador

alemão e ocidental está só nesta terrível luta, não podendo esperar nenhum apoio das outras classes ou da inteligência dos dirigentes. Uma única coisa pode defendê-lo, a vontade e a decisão das massas, homem por homem, mulher por mulher, em bloco.

A esta tática, baseada em razões tão profundas, opõe-se a participação no parlamento, que só pode ser nociva à linha correta; e o prejuízo é infinitamente maior que a pequena vantagem da propaganda (proporcionada pela tribuna parlamentar). É por isso que a esquerda recusa o parlamentarismo.

Você afirma que o companheiro Liebknecht¹⁵ poderia, se estivesse vivo, fazer um trabalho maravilhoso no Reichstag.¹⁶ É o que nós negamos. Ele não poderia manobrar politicamente num lugar onde todos os partidos da grande e da pequena burguesia fazem frente contra nós. E ele assim não ganharia melhor as massas do que fora do parlamento. Ao contrário, grande parte da massa ficaria satisfeita com seus discursos, e sua presença no parlamento seria portanto nociva.*

Sem dúvida um tal trabalho da "esquerda" durará anos e as pessoas que desejam, por uma razão qualquer, êxitos imediatos, importantes cifras de adesões e de votos, grandes partidos e uma poderosa Internacional (em aparência) deverão esperar ainda muito tempo. Mas estarão satisfeitos com esta tática os que entendem que a vitória da revolução na Alemanha e na Europa Ocidental só será realidade se a maioria, se a massa dos operários, começar a ter confiança em si mesma.

¹⁵ Referência a Karl Liebknecht, deputado social-democrata no Reichstag, que votara contra os créditos de guerra (1914-18) solicitados pelo governo contrariando a maioria do Partido, que votara a favor dos mesmos. Foi assassinado com Rosa Luxemburgo, por ocasião da repressão à revolução socialista alemã em 1919 dirigida pela ala direita da social-democracia alemã em conluio com o Exército e a burguesia, Noske e Scheidemann. (N. do Org.)

¹⁶ Parlamento alemão. (N. do Org.)

* O exemplo do companheiro Liebknecht prova exatamente a correção de nossa tática. Antes da revolução, quando o imperialismo estava no apogeu de sua força e as leis de exceção do tempo da guerra asfixiavam qualquer movimento, ele pôde exercer uma grande influência com suas denúncias no parlamento. Mas durante a revolução a influência desapareceu. Logo que os operários tomarem seus destinos nas próprias mãos, devemos abandonar o parlamentarismo.

Companheiro, você conhece o individualismo burguês da Inglaterra, sua liberdade burguesa, sua democracia parlamentar, da forma como se desenvolveram durante seis ou sete séculos? Da forma como realmente são: infinitamente diferentes da situação na Rússia? Você sabe como estas idéias estão profundamente enraizadas em cada indivíduo, inclusive nos proletários, na Inglaterra e nas colônias? Você conhece esta estrutura unificada num imenso conjunto? Sua importância geral, na vida social e pessoal? Acho que nenhum russo, nenhum europeu do Leste, conhece esta situação. Se vocês a conhecessem, vocês admirariam os operários ingleses que ousam se levantar radicalmente contra este imenso edifício, contra a maior construção política do capitalismo em todo o mundo.

Para chegar a esta atitude, no caso de ela ser plenamente consciente, não é sem dúvida necessário um sentido revolucionário mais apurado que o possuído pelos que romperam em primeiro lugar com o czarismo? A ruptura com o conjunto da democracia inglesa já significa o embrião da revolução inglesa. Porque esta ação se realiza com a mais firme decisão, como corresponde a uma Inglaterra alicerçada num passado histórico gigantesco e de poderosas tradições. Porque o proletariado inglês representa a maior força (é o mais forte do mundo, proporcionalmente). Reparem que ele se levanta de repente frente à burguesia mais forte do mundo, que ele se levanta com todas as forças e repudia rapidamente toda a democracia inglesa, embora em seu país a revolução ainda não esteja à vista.

A sua vanguarda, a esquerda, já fez tudo isto, assim como a vanguarda sabe que a classe operária está isolada, não podendo esperar apoio de nenhuma outra classe na Inglaterra, que o próprio proletariado, antes de tudo, deve lutar e vencer com sua vanguarda e não por intermédio de seus dirigentes.*

O proletariado inglês mostra, pelo exemplo de sua vanguarda, como quer lutar: sozinho contra todas as classes da Inglaterra e de suas colônias.

* É claro que a Inglaterra não tem camponeses pobres que poderiam apoiar o capital. Por outro lado, entretanto, ela conta com uma classe média muito maior e ainda mais ligada ao capitalismo.

E, mais uma vez, age como a vanguarda alemã: dando o exemplo. Criando um partido comunista que repudia o parlamento, gritando para toda a classe operária da Inglaterra: rompam com o parlamento, símbolo da força capitalista. Formem o seu próprio partido e suas próprias organizações por fábrica. Contem somente com vocês mesmos.

Este orgulho e esta dignidade nascidos no seio do maior capitalismo deveriam afinal vir à tona na Inglaterra. E logo que a ação começou, já se torna homogênea.

Companheiro, foi um dia histórico, quando, no mês de junho, durante uma assembléia, fundou-se o primeiro partido comunista, rompendo com toda a constituição e a organização do Estado em vigor há sete séculos. Eu desejaria que Marx e Engels estivessem presentes. Penso que eles teriam sentido um imenso prazer se pudessem ver aqueles operários ingleses repudiar o Estado inglês, protótipo de todos os Estados burgueses do mundo, centro e fortaleza do capital mundial já há séculos, dominando um terço da humanidade, se eles pudessem vê-los repudiar este Estado e *seu parlamento*.

É tanto mais razoável adotar esta tática na Inglaterra quanto sabemos que o capitalismo inglês está decidido a apoiar o capitalismo em todos os demais países, e certamente não vacilará em chamar tropas de todas as partes do mundo contra qualquer proletariado estrangeiro e particularmente contra o seu. A luta do proletariado inglês é portanto uma luta contra o capitalismo mundial. Mais uma razão para que o comunismo inglês dê o exemplo mais elevado e mais claro, para que ele apóie de forma exemplar a causa do proletariado mundial com sua luta e seu exemplo.*

* O perigo do oportunismo existe na Inglaterra com mais força do que nos demais países. Assim, parece que também nossa companheira Sylvia Pankhurst (embora não tenha aprofundado suficientemente suas concepções pelo estudo, nem por isso deixou de ser uma boa precursora do movimento de esquerda, por temperamento, instinto e experiência) teria mudado de opinião. Ela abandona a luta antiparlamentar, ou seja, um ponto essencial na luta contra o oportunismo, pela vantagem imediata da unidade. Toma assim o caminho já percorrido por milhares de dirigentes do movimento operário inglês: entrega-se ao oportunismo e, em última análise, à burguesia. Isto não tem nada de extraordinário, mas o fato de que foi você, companheiro Lênin, que a levou a réboca e a convenceu, àquela que era a única dirigente conseqüente e ousada da Inglaterra, isto foi um rude golpe para a Revolução Russa e mundial.

Deveria haver, assim, e sempre, um grupo que assumisse todas as conseqüências de sua posição na luta. Os grupos deste tipo são o sal da humanidade.

Mas agora, depois de ter defendido teoricamente o antiparlamentarismo, devo analisar detalhadamente os seus argumentos favoráveis ao parlamentarismo. Você o defende (páginas 36-68) para a Inglaterra e para a Alemanha. Mas sua argumentação se aplica apenas à Rússia (a rigor, a alguns outros países da Europa Oriental), mas não à Europa Ocidental. Como já disse, é neste ponto que você comete um erro. Em virtude desta falsa concepção, você, que era um dirigente marxista, torna-se um dirigente oportunista. Em virtude desta concepção, você, dirigente marxista radical para a Rússia e provavelmente para alguns outros países da Europa Oriental, cai no oportunismo quando se trata da Europa Ocidental. E a sua tática, se fosse aceita, levaria todo o Ocidente à derrota. É o que vou provar refutando detalhadamente a sua argumentação.

Companheiro, quando li a evolução de seus argumentos, da página 36 à página 68, fui constantemente perseguido por uma lembrança.

Imaginava estar novamente no congresso do antigo partido social-patriota holandês, ouvindo um discurso de Troelstra.¹⁷ Quando ele descrevia para os operários as grandes vantagens da política reformista, quando falava dos operários que não eram ainda sociais-democratas e que devíamos trazer para o nosso lado através de acordos. Quando falava das alianças que podíamos elaborar (transitoriamente, é claro) com os partidos destes operários, das "divisões" entre os partidos burgueses que era necessário aproveitar. É mais ou menos da mesma forma, não, é de uma forma idêntica, palavra por palavra, que você nos fala, companheiro Lênin, a nós, europeus ocidentais!!

Freqüentemente fui obrigado a tomar a palavra pela oposição (nos anos anteriores a 1909, quando fomos excluídos).

E me lembro como nós, os companheiros marxistas, estávamos sentados bem no fundo da sala, um pequeno grupo, quatro ou cinco:

Henriette Roland-Holst, Pannekoek e mais alguns outros. Troelstra exprimiu-se exatamente como você — cativante, persuasivo. Lembrou-me igualmente que, em meio à explosão de aplausos, de brilhantes frases reformistas e de calúnias contra os marxistas, os operários da sala voltaram-se para contemplar os "idiotas", os burros e os imbecis infantis — assim nos qualificou Troelstra, de uma forma mais ou menos semelhante à que você faz agora conosco. Foi assim, provavelmente, que as coisas se passaram no congresso da Internacional em Moscou, quando você falou contra os marxistas "esquerdistas". O próprio Troelstra — da mesma forma que você, companheiro — formulou seu raciocínio com tanta persuasão, com tanta lógica no método, que, num certo momento, eu mesmo pensei que ele tinha razão.

Mas você sabe no que pensei então, quando, ouvindo Troelstra, começava a duvidar de mim mesmo? Eu tinha um raciocínio que nunca me enganava. Pensar num trecho do programa do partido: *Você deve sempre agir e falar de forma a despertar e a fortalecer a consciência de classe dos operários*. Perguntava-me então: sim ou não, a consciência de classe dos operários será fortalecida pelo que diz este homem. E compreendia rapidamente que não era bem assim, e que, em conseqüência, eu tinha razão.

Tive a mesma sensação quando li o seu texto. Ouvia seus argumentos oportunistas favoráveis a uma aliança com os partidos não comunistas, ao compromisso com os burgueses. Fui arrastado. Tudo parecia tão brilhante, tão claro e tão belo, e tão lógico em seu método. Mas em seguida repeti para mim mesmo, como antigamente, uma pergunta que elaborei há algum tempo contra os oportunistas do comunismo. É a seguinte: sim ou não, o que o companheiro está dizendo servirá para levar a vontade das massas para a ação, para a revolução, a verdadeira, na Europa Ocidental? E minha cabeça e meu coração responderam, ao mesmo tempo, não ao seu texto.

Soube, então, companheiro Lênin, imediatamente, com toda a certeza que pode ter um homem, que você não tinha razão.

Penso recomendar este raciocínio aos companheiros da esquerda. Companheiros, nas difíceis lutas contra os comunistas oportunistas, e estas lutas nos esperam em todos os países (aqui na Holanda já

¹⁷ Líder social-democrata holandês que permaneceu fiel à II Internacional. (N. do Org.)

duram há três anos), se vocês quiserem saber se têm razão e por quê, façam esta pergunta a si próprios.

Você utiliza, companheiro, em sua luta contra nós, três argumentos apenas, que aparecem sempre, isoladamente ou combinados uns com os outros no decorrer do seu texto.

São os seguintes:

1.º) Utilidade da propaganda no parlamento para a conquista dos operários e dos elementos pequeno-burgueses;

2.º) Utilidade da ação parlamentar para o aproveitamento das "divisões" entre os partidos e para a realização de acordos com estes ou aqueles partidos;

3.º) Exemplo da Rússia, onde a propaganda e os acordos deram tão excelentes resultados.

Você não tem outros argumentos. Vou agora responder a estes, pela ordem.

Começemos pelo primeiro argumento, a propaganda no parlamento. O argumento tem muito pouco peso. Porque os operários não comunistas, ou seja, os sociais-democratas, os cristãos e os partidários de outras tendências burguesas, de modo geral, não tomam conhecimento, através dos seus jornais, do conteúdo de nossas intervenções parlamentares. Nós só conseguimos atingi-los pelas nossas reuniões, textos e jornais.

Quanto a nós — falo freqüentemente em nome do KAPD — nossa influência se realiza sobretudo pela ação (em período revolucionário — é sobre isto que falamos neste momento). Em todas as cidades e cidadezinhas de certa importância eles nos vêem em ação. Eles vêem nossas greves, nossas lutas de rua, nossas organizações. Eles ouvem nossas palavras de ordem. E nos vêem na vanguarda do movimento. Esta é a melhor propaganda, decisiva por excelência. Mas ela não se realiza no parlamento.

Portanto, os operários não comunistas, os elementos pequeno-burgueses e os pequenos camponeses podem ser facilmente atingidos sem que seja necessário o recurso à ação parlamentar. Aqui, devo refutar um ponto em particular do seu texto sobre a *Doença Infantil*, muito revelador de até onde você foi parar, levado pelo oportunismo, companheiro.

Você afirma (página 52) que os operários alemães passam em massa para o Partido Independente e não para o Partido Comunista em virtude da atitude negativa dos comunistas em relação ao parlamento. Assim, as massas operárias de Berlim teriam sido quase ganhas para a revolução pela morte de nossos companheiros Liebknecht e Rosa Luxemburgo, pelas greves conscientes e pela participação dos comunistas nos combates de rua. Só faltava um discurso do companheiro Levy no parlamento! Se ele houvesse proferido este discurso, os operários teriam vindo para o nosso lado e não para o lado enganoso dos Independentes!! Não, companheiro, isto não é verdade, eles foram, em primeiro lugar, para um lado equivocado, porque temiam ainda a revolução, um processo que não admite equívocos. O trânsito da escravidão à liberdade se realiza de forma vacilante.

Cuidado, companheiro. Veja para onde o oportunismo já o está levando.

O seu primeiro argumento não tem alcance.

E se consideramos que a participação no parlamento (durante a revolução na Alemanha, na Inglaterra e em toda a Europa Ocidental) reforça nos operários a concepção de que os dirigentes saberão encontrar uma saída, enfraquecendo a visão de que são os próprios operários que devem tudo fazer, constatamos que este argumento não só não significa nada de bom, mas, ao contrário, é também extremamente nocivo.

Passemos ao segundo argumento: a utilidade da ação parlamentar (em período revolucionário) para aproveitar divisões entre os partidos e realizar acordos com este ou aquele partido.

Para refutar este argumento (particularmente no que se refere à Inglaterra e à Alemanha, mas também, em geral, para toda a Europa Ocidental), devo particularizar um pouco mais que no primeiro caso. Fazer isto polemizando com você, companheiro Lênin, é uma tarefa difícil para mim, mas é necessário. A questão do oportunismo revolucionário (aqui não se trata mais do oportunismo no reformismo, mas na revolução) é relevante para nós, na Europa Ocidental, trata-se de uma questão de vida ou morte. Em si mesma, a refutação é fácil. Já analisamos cem vezes o argumento quando Troelstra, Hen-

derston, Bernstein, Legien, Renaudel, Vandervelde, etc. . . .¹⁸, ou seja, quando todos os sociais-patriotas vinham com esta discussão. O próprio Kautsky, quando ainda se chamava Kautsky, o refutou. Tratava-se do argumento central dos reformistas. E nunca poderíamos ter imaginado ter de combatê-lo em você. Entretanto, precisamos fazê-lo. Mãos à obra!

É insignificante a vantagem dada pela utilização parlamentar das "divisões", porque elas próprias são insignificantes, já há muitos anos, há dezenas de anos. Existem apenas divisões insignificantes entre os partidos da grande burguesia, e a mesma coisa acontece entre eles e os partidos da pequena burguesia. As coisas se passam assim na Alemanha e na Inglaterra. Isto não começou a partir da revolução. Já era assim há muito tempo na época da evolução lenta. Todos os partidos, inclusive os da pequena burguesia e do pequeno camponato, se colocam há muito tempo contra os operários.

Entre eles próprios as diferenças a respeito de como agir em relação aos operários (*e, em virtude disto, no que se refere às demais questões*) tornaram-se mínimas, chegaram mesmo, freqüentemente, a desaparecer.

Trata-se de algo inegável, na teoria e na prática. Isto acontece na Europa Ocidental, na Alemanha e na Inglaterra.

A teoria nos ensina que o capital se concentrou nos bancos, nos trustes e monopólios de uma forma tremenda.

De fato, no Ocidente e particularmente na Inglaterra e na Alemanha, os bancos, trustes e cartéis integraram quase todo o capital dos diversos ramos da indústria, do comércio, dos transportes e até mesmo, em grande parte, da agricultura. Por isso toda a indústria, pequena ou grande, o transporte, pequeno ou grande, o comércio, pequeno ou grande, e a maior parte da agricultura — da grande à pequena — tornaram-se completamente dependentes do grande capital. Incorporaram-se a ele.

¹⁸ Henderson do Partido Trabalhista Inglês; Bernstein da Social-Democracia da Alemanha; Legien da Social-Democracia belga; Renaudel da Social-Democracia francesa; e Vandervelde da Social-Democracia belga — personagens que permaneceram fiéis ao social-patriotismo e reformismo da II Internacional, chegando a ocupar postos ministeriais sob domínio burguês. (N. do Org.)

O companheiro Lênin afirma que o pequeno comércio, o pequeno transporte, a pequena indústria e a pequena agricultura vacilam entre o capital e os operários. Isto é falso. Isto acontecia na Rússia e, antigamente, acontecia também entre nós. Na Europa Ocidental, na Alemanha e na Inglaterra, eles dependem agora tão completamente do grande capital que não vacilam mais. O pequeno lojista, o pequeno industrial, o pequeno comerciante estão inteiramente submetidos ao poder dos monopólios, dos trustes, dos bancos. Estes lhes fornecem mercadorias e crédito. Mesmo o pequeno camponês depende, através de sua cooperativa, e por meio das hipotecas, dos trustes, dos monopólios e dos bancos.

Companheiro, este é o aspecto mais importante da minha demonstração da linha de esquerda, é dele que deriva toda a tática para a Europa e para a América.

Companheiro, qual a composição destas camadas inferiores que se encontram próximas ao proletariado? Lojistas, artesãos, empregados subalternos e pequenos camponeses.

Analisemos estas camadas na Europa Ocidental. Venha comigo, companheiro, não somente numa grande loja — aqui a dependência em relação ao grande capital é evidente —, mas numa modesta loja da Europa Ocidental, inserida no quadro de um bairro de proletários pobres. Repare. O que é que você vê? Todas ou quase todas as mercadorias, roupas, alimentos, ferramentas, combustíveis, etc., não somente são produtos da grande indústria, mas também, quase sempre, são distribuídos pelos trustes. E isto não acontece apenas nas cidades, mas também no campo. Os pequenos comerciantes já são, majoritariamente, depositários do grande capital. Concretamente, do capital financeiro, porque é ele que domina as grandes fábricas, os trustes.

Repare a oficina de um pequeno artesão, pouco importa que seja na cidade ou no campo. Suas matérias-primas, metais, o couro, a madeira, etc., vêm do grande capital, muitas vezes já monopolizado, ou seja, e em consequência, dos bancos. E onde os fornecedores das mercadorias são ainda pequenos capitalistas, mesmo assim dependem do capital financeiro.

Quem são os empregados subalternos? Na Europa Ocidental, em sua grande maioria, são servidores do grande capital ou do Estado e das municipalidades que dependem também do grande capital, logo, no fim das contas, dos bancos. A porcentagem de empregados da camada mais próxima do proletariado colocada diretamente sob a dependência do grande capital é muito grande para o conjunto da Europa Ocidental, enorme na Alemanha e na Inglaterra, assim como nos Estados Unidos e nas colônias inglesas.

Os interesses destas camadas são, portanto, ligados aos interesses do grande capital e, em consequência, dos bancos.

Já falei dos camponeses pobres e observamos que não são no momento suscetíveis de serem ganhos pelo comunismo, em virtude dos argumentos já apresentados e também pelo fato de que estão sob a dependência do grande capital por intermédio de seus instrumentos de trabalho, de suas vendas e de suas hipotecas.

Qual a consequência disso, companheiro? É que a sociedade e o Estado modernos europeus ocidentais (e americanos) constituem uma grande totalidade estrutural compreendendo as ramificações mais longínquas, dominada, dinamizada e completamente ordenada pelo capital financeiro; e a sociedade é aqui um corpo organizado, organizado segundo o modo capitalista, mas, apesar disso, organizada; e o capital financeiro é o sangue deste corpo, correndo em todos os membros e os alimentando; e este corpo é uma unidade orgânica à qual todas as partes devem sua extrema vitalidade, de forma que todas as partes continuarão ligadas a ela até sua morte real. Todas, exceto o proletariado, porque este cria o sangue, a mais-valia.

Em virtude da dependência de todas as classes em relação ao capital financeiro, e da tremenda força de que ele dispõe, todas as classes são hostis à revolução, e o proletariado está só.

E como o capital financeiro é a força mais flexível e mais adaptável do mundo, sabendo centuplicar ainda sua influência por intermédio do crédito, mantém enfeixados a classe, a sociedade e o Estado capitalistas, mesmo depois desta terrível guerra, depois da perda de bilhões e bilhões, e numa situação que nos parece ser de sua bancarrota.

Neste momento ele aglutina ainda mais estreitamente todas as

classes em torno dele (exceção do proletariado), organizando sua luta comum contra o proletariado. *Esta força, sua flexibilidade, o apoio mútuo de todas as classes, poderão ainda subsistir por muito tempo depois do início da revolução.*

Certamente, o capital está terrivelmente enfraquecido. A crise vem e com ela a revolução. E acredito que a revolução será vitoriosa. Mas ainda existem duas causas que mantêm a solidez do capitalismo: a escravidão espiritual das massas e o capital financeiro.

Nossa tática deve, portanto, ter como base a importância decisiva destes dois fatores.

Há uma outra causa pela qual o capital financeiro organizado realiza a união de todas as classes da sociedade frente à revolução. Trata-se do grande número de proletários. Todas as classes imaginam que, se pudessem tirar dos operários (na Alemanha, representam mais de vinte milhões) jornadas de trabalho de dez, doze e quatorze horas, ainda seria possível sair da crise. Também neste terreno elas formam uma frente única.

Tal é a situação econômica da Europa Ocidental.

Na Rússia o capital financeiro não chegava a ter este nível de poder, e por isso as classes burguesas e pequeno-burguesas não eram solidárias. Existiam divisões entre elas. É por isso que na Rússia o proletariado não estava sozinho.

Os fatos políticos baseiam-se nestas causas econômicas. É por isso que na Europa Ocidental as classes inferiores de que falamos votam como escravos submissos em seus senhores, os partidos da grande burguesia, aderindo a estes partidos. Podemos dizer que o povo miúdo não tem partidos próprios na Alemanha e na Inglaterra, nem na Europa Ocidental em geral.

As coisas já estavam bastante avançadas neste sentido antes da revolução e antes da guerra. Mas a guerra acentuou esta tendência numa medida gigantesca, por intermédio do chovinismo e da união sagrada.¹⁹ Mas sobretudo pela formidável trustificação de todas as

¹⁹ Chovinismo e "união sagrada" foi a incorporação da social-democracia internacional em apoio aos seus governos burgueses na guerra interimperialista de 1914-18; o internacionalismo proletário, para eles, ficara no papel e no discurso. (N. do Org.)

forças econômicas. E a revolução veio ainda por cima imprimir a este desenvolvimento uma extrema intensidade: aglutinação de todos os partidos grande-burgueses e união de todos os elementos pequeno-burgueses e pequeno-camponeses à sua política. (A revolução russa não se realizou à toa. Eles sabem agora o que enfrentarão.)

Em resumo, grandes burgueses, agrários, classe média, campesinato médio, camadas inferiores da burguesia e do campesinato, todos fazem frente comum contra os operários na Europa Ocidental, e sobretudo na Alemanha e na Inglaterra. Em virtude do monopólio, dos bancos, dos trustes, do imperialismo, da guerra e da revolução, todos agora concordam neste ponto. * E como a questão operária determina tudo, todos concordam de fato nas demais questões.

Companheiro, devo retomar mais uma vez a observação que já fiz a propósito da questão camponesa (primeiro capítulo). Sei muito bem que não é sua a responsabilidade, mas cabe a espíritos mesquinhos em nosso partido a fraqueza de não orientar a tática segundo as linhas gerais, de subordiná-la a pequenos desvios particulares, concentrando a atenção em segmentos das camadas em questão, que escapam ainda à dominação e ao envolvimento mágico do grande capital.

Não nego a existência de tais segmentos, mas afirmo que a verdade concreta, a tendência geral na Europa Ocidental consiste na integração destas camadas na esfera do grande capital. E nossa tática deve-se basear nesta verdade geral!

Não nego também que ainda se possam produzir divisões. Afirmino somente que a tendência atual, e continuará ainda assim longamente durante a revolução, é a da união sagrada, e entendo que é melhor para os operários na Europa Ocidental concentrar a atenção na aglutinação destas classes do que em suas divisões. Porque são eles, em primeiro lugar, que deverão fazer a revolução, e não seus dirigentes, os seus delegados nos parlamentos.

* É verdade que a proletarização desenvolveu-se enormemente durante a guerra. Mas todos (quase todos) os que não são proletários agarram-se mais firmemente do que nunca ao capitalismo, defendem o capitalismo, se for necessário, com armas nas mãos, e combatem o comunismo.

Também não afirmo, por mais que os espíritos mesquinhos torçam as minhas palavras, que haja identidade entre os interesses reais destas classes inferiores e os do grande capital. Sei bastante bem que são oprimidas por ele. Afirmo apenas o seguinte: estas classes se ligam ainda mais fortemente que outrora ao grande capital porque também constataam agora que a revolução proletária se apresenta frente a elas como um perigo.

Para elas a dominação do capital significa uma certa segurança, a possibilidade de progredir, de melhorar sua situação, ou, ao menos, a fé nesta possibilidade. Atualmente, o caos ameaça tudo isto, mas a revolução representa antes de tudo um caos ainda mais completo. É por isso que elas ficam do lado do capital, na tentativa de eliminar o caos de todas as formas, aumentando a produção, obrigando os operários a uma quantidade maior de trabalho e a uma vida de privações pacientemente suportada. Para estas classes a revolução proletária na Europa Ocidental é a derrubada e a destruição da própria ordem, da segurança de vida, por mais modesta que possa ser. Por isso elas estão do lado do capital e aí continuarão ainda por muito tempo, mesmo durante a revolução.

Porque devo observar mais uma vez que estou falando da tática a ser adotada no início da revolução e durante o seu desenvolvimento. Sei que, no fim da revolução, quando a vitória estiver próxima e o capitalismo abalado, as classes de que falo virão para o nosso lado. No entanto, devemos fixar nossa tática para o início e para o desenvolvimento principal da revolução, e não para seu fim.

Portanto, do ponto de vista teórico, tudo o que foi dito acima deveria acontecer. De acordo com a teoria estas classes deveriam manter-se unidas. Isto é teoricamente verdadeiro. E também se verifica na prática: é o que pretendo demonstrar agora.

Já há muitos anos, o conjunto da burguesia, todos os partidos da burguesia na Europa Ocidental — inclusive aqueles de que participam os pequeno-burgueses e os pequeno-camponeses — não fazem absolutamente nada a favor dos operários. Todos assumiram uma posição de inimigos do movimento operário, pelo imperialismo, pela guerra.

Já há muitos anos, não existe mais um só partido na Inglaterra,

na Alemanha, na Europa Ocidental, para servir à causa operária. Todos a combatem, e em todas as questões. *

A legislação do trabalho foi revogada, as regulamentações pioraram. Leis contra a greve foram promulgadas. Foram decretados impostos cada vez mais pesados.

O imperialismo, o colonialismo, o militarismo, a exaltação das grandes esquadras, eram apoiadas por todos os partidos burgueses, inclusive os pequeno-burgueses. As diferenças entre liberal e clerical, conservador e progressista, grande-burguês e pequeno-burguês desapareciam.

Tudo o que os sociais-patriotas e os reformistas diziam das contradições entre os partidos, que poderiam ser aproveitadas — um argumento que atualmente você, Lênin, defende —, era já uma piada. Era uma piada em todos os países da Europa Ocidental. E pudemos constatá-lo bastante bem em julho-agosto de 1914.

A partir deste momento todos eles ficaram de acordo. E praticamente ainda ficaram muito mais unidos por causa da revolução.

Unidos *contra* a revolução e por isso, no fundo, *contra* todos os operários, porque só a revolução pode trazer uma melhoria real a todos os operários. Todos os partidos entram em acordo, sem divisões, *contra* a revolução. E como depois da guerra, da crise e da revolução, *todas* as questões sociais e políticas estão praticamente ligadas à questão da revolução, estas classes estão, afinal, de acordo em *todas* as questões, colocando-se *contra* o proletariado em todos os pontos na Europa Ocidental.

Em resumo, *também do ponto de vista prático*, o truíste, o monopólio, o grande banco, o imperialismo, a guerra, a revolução, aglutinaram todas as classes de grande-burgueses e pequeno-burgueses, e todas as classes camponesas da Europa Ocidental numa frente anti-operária. *

* Não tenho espaço aqui para demonstrar isso detalhadamente. Tratei do assunto a fundo num texto intitulado: *As Bases do Comunismo*.

** Nós, holandeses, sabemos disso bastante bem. Nós constatamos o desaparecimento destas "divisões". Entre nós não existem mais partidos democratas-cristãos ou outros. Ainda que sejamos apenas holandeses, podemos avaliar isto melhor do que um russo, que, infelizmente, parece analisar a Europa Ocidental de acordo com o figurino da Rússia.

Trata-se, portanto, de uma certeza, na prática como na teoria. Não é possível apostar, na revolução na Europa Ocidental, e sobretudo na Inglaterra e na Alemanha, na existência de "divisões" de qualquer importância entre as classes em questão.

Neste momento, devo acrescentar alguma coisa de pessoal. Nas páginas 40 e 41, você critica a Comissão de Amsterdã. Você cita uma tese da Comissão. Entre parênteses, tudo o que você diz a respeito é inexato. Mas você diz também que, antes de condenar o parlamentarismo, a Comissão de Amsterdã deveria fazer uma análise das relações de classes e dos partidos políticos de modo a justificar a condenação. Perdão, companheiro, isto não era um dever da Comissão. O fato no qual se baseia nossa tese, a saber, que todos os partidos burgueses, dentro e fora do parlamento, são, há muito tempo, e continuam sendo inimigos unânimes dos operários, não se registrando divisões entre eles sobre este ponto, tal fato já é há muito tempo uma coisa provada e geralmente admitida pelos marxistas, ao menos na Europa Ocidental. Não éramos, portanto, obrigados a analisar isto.

Agora, você, sim, é que tinha esta tarefa, você que deseja entrar em acordos e alianças com partidos políticos no parlamento, você que, assim, quer nos levar para o oportunismo, você *é que tinha de provar que existem "divisões"* importantes entre estes partidos políticos.

Você quer nos levar a acordos na Europa Ocidental. O que Troelstra, Henderson, Scheidemann, Turati,²⁰ etc., não conseguiram na época de evolução, você quer realizar na época da revolução. Você precisa provar que isto é possível.

Você não precisa dar provas russas; isto seria na verdade muito cômodo, mas provas válidas para a Europa Ocidental. E você cumpriu a tarefa da forma mais lamentável. Nada de extraordinário na medida em que você assimilou quase que exclusivamente a experiência da Rússia, ou seja, de um país muito atrasado, e não a experiência moderna da Europa Ocidental.

²⁰ Scheidemann pertencia à ala direita da social-democracia alemã e Turati era um social-democrata italiano filiado à II Internacional. (N. do Org.)

Seu texto, cujo conteúdo é o de tratar precisamente da questão da tática — exceção feita a exemplos russos que serão mais tarde analisados —, só mostra dois exemplos europeus ocidentais: o golpe de Kapp na Alemanha e, na Inglaterra, o governo Lloyd George-Churchill com a oposição de Asquith.

Muito poucos exemplos, e dos mais lamentáveis, verdadeiramente, quando se trata de provar que existem de fato divisões entre os partidos burgueses e, em particular, entre os partidos sociais-democratas.

Se algum dia fosse necessário provar que não existem divisões importantes entre os partidos burgueses (aqui se trata igualmente dos partidos sociais-democratas), frente aos operários na revolução, o golpe de Kapp forneceria a prova. Os kappistas abstiveram-se cuidadosamente de castigar, de matar ou de prender os democratas, os centristas, os sociais-democratas. E, quando estes voltaram ao poder, também se abstiveram cuidadosamente de castigar, de matar ou de prender os kappistas. Mas os dois lados competiram ardorosamente na tarefa de matar comunistas.

O comunismo então era muito fraco, e por isso eles não organizaram uma ditadura *comum*. Na próxima vez, quando o comunismo for mais poderoso, eles organizarão uma ditadura comum.

Você tinha de demonstrar, sempre você, companheiro, como os comunistas deveriam ter utilizado então as divisões (?) no parlamento:

Claro, de forma vantajosa para os operários. Cobia a você a tarefa de indicar o que os deputados comunistas deveriam ter dito para mostrar esta divisão aos operários, e para utilizá-la; claro, de forma a não fortalecer os partidos burgueses. Você não pode fazer isto, porque não há nenhuma divisão séria entre estes partidos *na revolução*. Ora, mas é exatamente *disto* que estamos falando. E cobia a você a tarefa de demonstrar que, se houvesse divisões em casos particulares, era mais vantajoso atrair a atenção dos operários para isto do que atraí-los para a verificação da tendência geral à união sagrada.

Era e continua sendo sua tarefa, companheiro, antes de se dirigir a nós, na Europa Ocidental, antes de mostrar onde estão estas "divisões" na Inglaterra, na Europa Ocidental.

Mas você também não pode fazer isto. Você fala de uma "divisão" entre Churchill, Lloyd George e Asquith, que deveria ser utilizada pelos operários. Isto é totalmente lamentável. Nem quero falar disso com você. Porque todos sabem que, a partir do momento em que o proletariado industrial na Inglaterra adquiriu uma certa força, as "divisões" deste tipo foram e continuam sendo provocadas diariamente por artifício dos partidos burgueses e dos dirigentes, com o objetivo de enganar os operários, atraindo-os para um e outro lado e reciprocamente, ao infinito, mantendo-os assim eternamente débeis e dependentes. Com este objetivo, chegam até a admitirem no mesmo governo dois adversários (?), Lloyd George e Churchill. E o companheiro Lênin se permite cair nesta armadilha quase centenária! Quer persuadir os operários ingleses a basear sua tática nesta empulhação! Na época da revolução!... Amanhã, porém, os Churchill, Asquith e Lloyd George se unirão contra a revolução e então, você, companheiro, você terá enganado e enfraquecido o proletariado inglês com uma ilusão. Você tinha a obrigação, companheiro, de demonstrar, não numa linguagem geral, magnífica e brilhante — como você o faz em todo o seu último capítulo — mas exatamente, concretamente, através de exemplos, de fatos bem detalhados e muito claros —, quais são, afinal de contas, os conflitos e as contradições — não russos, nem insignificantes ou artificiais... mas reais, importantes, europeus ocidentais. Você não faz isto em nenhum momento em seu texto. Enquanto você não nos der estas provas, nós não acreditaremos em você. Quando você apresentá-las, nós lhe responderemos. Até então nós lhe diremos: trata-se de puras ilusões, que só servem para enganar os operários, levando-os a uma tática falsa. A verdade, companheiro, é que você comete um erro colocando a Revolução Russa e a revolução européia ocidental num mesmo plano. E a favor de quê? Esquecendo que há nos Estados modernos, ou seja, europeus ocidentais (e norte-americanos), um poder que está acima das diferentes categorias de capitalistas — proprietários de terra, industriais e comerciantes —, o capital financeiro. Este poder, que é idêntico ao imperialismo, unifica num só bloco todos os capitalistas, e ainda os pequeno-burgueses e camponeses.

Entretanto, ainda temos algo a acrescentar. Você afirma: "Há divisões entre os partidos operários e os partidos burgueses. Podemos aproveitá-las". Isto é correto.

Antes de tudo é preciso esclarecer que as contradições entre sociais-democratas e burgueses estavam quase reduzidas a zero durante a guerra e a revolução, praticamente desapareceram! Feita a ressalva, é e continua sendo possível existirem contradições. E talvez venham ainda a existir. Devemos, portanto, falar a respeito do assunto. Principalmente porque você traz à discussão o exemplo do governo inglês "puramente" operário de Thomas-Henderson-Clynes, etc., contra Sylvia Pankhurst na Inglaterra, e o eventual governo "puramente socialista" de Ebert-Scheidemann-Noske-Hilferding-Crispien-Cohn contra o partido comunista operário alemão.*

Você defende na sua tática a valorização destes governos operários perante os proletários e os incentiva a apoiar sua formação. A sua tática seria clara e vantajosa, enquanto a nossa, que se opõe à formação de tais governos, seria uma tática nociva.

Não, companheiro! Nossa posição frente à eventualidade de um governo "puramente" operário, no caso de um aprofundamento das contradições entre os partidos operários e burgueses, é também uma posição muito clara e vantajosa para a revolução.

É possível que deixemos subsistir um tal governo durante uma certa fase. Pode ser que isto seja necessário, e constitua um progresso do movimento. Neste caso, se não podemos ir ainda mais longe, nós o deixaremos subsistir, criticando-o com o máximo de rigor, e derrubando-o quando possível por um governo comunista. Mas nós não contribuiremos para estabelecer este tipo de governo pela ação parlamentar e eleitoral, na Europa Ocidental e em plena revolução.

Não contribuiremos com isto porque na Europa Ocidental os operários estão absolutamente sozinhos na revolução. É por isso que

* Coloca-se ainda a questão de saber se esta etapa dos governos "puramente" operários deve ocorrer entre nós. Neste ponto você se deixa, talvez, e novamente, induzir em erro pelo exemplo russo (Kerensky). A seguir demonstrarei que mesmo quando esta etapa se apresenta, como durante as jornadas de março na Alemanha, não se coloca a possibilidade de apoiar o governo "puramente" socialista.

tudo, você entendeu bem, tudo, depende aqui de sua iniciativa e da clareza de seu raciocínio. Ora, a sua tática, este acordo entre os Scheidemann, os Handerson, os Crispian, e estes ou aqueles partidários das suas opiniões — seja um independente inglês, um comunista oportunista do Spartacusbund ou ainda um membro do British Socialist Party (partido socialista inglês) — a sua tática no parlamento e fora do parlamento só servirá para confundir o raciocínio dos operários, fazendo-os eleger alguém que eles já sabem ser um empulhador; em vez disso, a nossa tática esclarece a situação, mostrando aos operários o inimigo em sua verdadeira face. É por isso que na Europa Ocidental, em nossa situação, adotamos esta tática, e repudiamos a sua, mesmo que isso nos obrigue a cair na ilegalidade, a perder uma representação no parlamento e a sacrificar então a possibilidade de aproveitar aí as "divisões" (no parlamento?!).

O seu conselho é um desses conselhos que obscurecem as coisas e determinam ilusões.

Mas, então, não é preciso que nos dediquemos à tarefa de ganhar para o nosso lado os membros dos partidos social-democratas? Dos Independentes? Do Labour Party? Do Independent Labour Party?

Pois bem, nós, da "esquerda", pensamos ganhar os operários e os membros pequeno-burgueses destes partidos (na Europa Ocidental) por intermédio da propaganda, das reuniões e da imprensa; e, melhor ainda, pelo exemplo, pelas palavras de ordem e pela ação nas empresas. E isto acontecerá no processo da revolução. Os que não forem ganhos desta forma, pela imprensa, pela ação e pela revolução, já estão perdidos por antecipação, e podem ir para o diabo.

Estes partidos sociais-democratas, partidos independentes, partidos trabalhistas e semelhantes da Inglaterra e da Alemanha compõem-se de operários e de pequeno-burgueses. Podemos, com o passar do tempo, atrair os primeiros para o nosso lado, ganhar os operários pouco a pouco. Mas só teremos um número restrito de pequeno-burgueses, e os pequeno-burgueses, ao contrário dos pequeno-camponeses, não têm grande importância econômica. Os poucos que virão para o nosso lado, serão conquistados pela nossa propaganda, etc. . . Mas a sua maioria — é sobretudo sobre ela que se apóiam Noske e

seus cúmplices — faz parte integrante do capitalismo, aglutinando-se cada vez mais em torno dele à medida que a revolução avança.

Estamos de relações cortadas com os partidos operários, independentes, sociais-democratas, com o Labour Party, etc., cortamos o contacto com eles porque não os apoiamos nas eleições? Ao contrário, tentamos estabelecer o contacto com estes partidos sempre que é possível. Em cada momento os chamamos para a ação comum: para a greve, para o boicote, para a insurreição, para os combates de rua e sobretudo para os conselhos operários, para as organizações por fábrica. Nós os procuramos em todos os lugares. Entretanto, não os procuramos mais, como era o caso anteriormente, no parlamento. Isto pertence ao passado na Europa Ocidental. Nós os procuramos nas seções das fábricas, nas organizações e na rua. Nestes lugares é que se pode, atualmente, encontrá-los, e é nestes lugares que nós ganhamos os operários para o nosso lado. Esta é a nova prática que substitui a prática social-democrata. É a prática comunista.

— Você, companheiro, pretende levar os sociais-democratas, os independentes e outros ao parlamento e ao governo para mostrar que não passam de empulhadores. Você quer utilizar o parlamento para mostrar que não serve para nada.

Cada um tem sua forma de agir: você pega os operários de uma forma cheia de malícia, empurrando-os para o cadafalso e deixando que eles se enforcem. A nossa forma de agir é diferente: queremos evitar que eles se enforcem. E agimos assim porque, aqui, isto é possível. Você adota a tática dos povos camponeses, nós, a dos povos industriais. Não se trata de uma zombaria ou de uma ironia. Acredito sinceramente que este caminho tenha sido bom para você. Porém, você não deve nos impor — nas grandes ou nas pequenas questões, a respeito dos sindicatos ou do parlamentarismo — a aplicação do que foi bom na Rússia, mas será desastroso aqui.

Devo finalmente fazer ainda uma observação: você afirma e sustenta em muitos momentos que a revolução na Europa Ocidental é impossível enquanto as classes inferiores próximas do proletariado não forem suficientemente atingidas, neutralizadas ou ganhas. Como demonstrei agora que elas não podem ser atingidas, neutralizadas ou

ganhas na primeira fase da revolução, esta seria impossível, admitindo-se que seja correto o que você afirma. (Esta observação já me foi dirigida pelos seus companheiros, entre outros, pelo companheiro Zinoviev.) Felizmente a sua afirmação nesta questão de extrema importância — nesta alternativa decisiva para a revolução — não se baseia em nada. Ela prova apenas, mais uma vez, que você vê tudo com olhos de europeu oriental. Mostrarei isto no último capítulo.

Assim, acredito ter provado que o seu segundo argumento favorável ao parlamentarismo está ligado em grande parte à empulhação oportunista — e que, também deste ponto de vista, o parlamentarismo deve ser substituído por uma outra forma de luta, sem os seus inconvenientes e com maiores vantagens.

Porque admito que a sua tática possa ter certas vantagens. O governo operário pode trazer algo de bom, e mesmo uma maior clareza. Também em regime ilegal, a sua tática pode ser vantajosa. Reconhecemos isto. Mas, da mesma forma como dizíamos outrora aos revisionistas e reformistas: “Colocamos o desenvolvimento da consciência dos operários acima de tudo, mesmo acima de vantagens menores”, nós dizemos atualmente a você, Lênin, e aos seus companheiros da direita: “Colocamos o crescimento da iniciativa das massas acima de tudo”. Tudo deve estar a serviço deste objetivo, como antigamente tudo estava a serviço do que foi anteriormente referido na Europa Ocidental. E veremos quem tem razão, a “esquerda”... ou Lênin! Não tenho a menor dúvida. Nós venceremos você ao mesmo tempo que Troelstra, Henderson, Renaudel e Legien.

Chego então ao seu terceiro argumento: os exemplos russos. Você os cita diversas vezes (são constantemente retomados entre as páginas 1 e 9). Admirei-os antigamente. Sempre estive ao seu lado, desde 1903. Mesmo quando ainda não conhecia as suas exatas intenções — quando as comunicações estavam cortadas, como por ocasião da paz de Brest-Litovsk, defendia você com os seus próprios argumentos. A sua tática foi certamente notável no que se refere à Rússia e foi por intermédio dela que os russos obtiveram a vitória. Mas isto prova alguma coisa para a Europa Ocidental? Nada, ou muito pouca coisa, a meu ver. Estamos de acordo no que se refere aos soviets,

à ditadura do proletariado, como meios para a revolução e para a construção da nova sociedade. Da mesma forma, a sua tática em relação ao estrangeiro foi — ao menos até agora — exemplar para nós. Mas as coisas se transformam quando se trata da sua tática para os países da Europa Ocidental. E isto é muito natural.

Como a tática na Europa Oriental e na Europa Ocidental poderia ser a mesma? A Rússia é um país preponderantemente agrícola, com um capitalismo industrial apenas em parte altamente desenvolvido e tendo um peso muito pequeno em relação ao conjunto. Além disso, era alimentado em grande parte pelo capital estrangeiro. Na Europa Ocidental, sobretudo na Alemanha e na Inglaterra, acontece precisamente o contrário. Na Rússia: velhas formas do capital sobrevivendo com base no capital usurário. Entre nós: domínio quase exclusivo do capital financeiro altamente desenvolvido. Na Rússia: resquícios importantes dos tempos feudais e pré-feudais, resquícios até da época das tribos e da barbárie. Entre nós, sobretudo na Inglaterra e na Alemanha: um conjunto, agricultura, comércio, transportes, indústria, dirigido pelo capitalismo mais avançado. Na Rússia: resquícios enormes da servidão, camponeses pobres, classe média rural empobrecida. Entre nós: relações dos próprios camponeses pobres com a produção moderna, transportes, técnica e comércio; classes médias da cidade e do campo — mesmo as camadas mais inferiores — em ligação direta com os grandes capitalistas.

Você ainda dispõe de classes com as quais o proletariado em ascenso pode se aliar. A própria existência destas classes já significa um apoio. E naturalmente a mesma coisa se aplica ao nível dos partidos políticos. Entre nós, não existe nada disto.

A consequência natural destas diferenças é que o acordo, os compromissos em todas as direções, tal como você descreve de forma tão empolgante, a utilização das divisões até entre os liberais e os agrários, tinham seu valor na Rússia. Entre nós, estas manobras são impossíveis. Daí deriva a diferença na tática a leste e a oeste. Nossa tática adapta-se a nossas condições. Ela é tão boa aqui para nós como a de você é boa para a Rússia.

Encontro os exemplos russos citados por você sobretudo nas páginas 12, 13, 26, 37, 40, 51 e 52. Seja qual for o significado destes

exemplos para a questão sindical russa (página 27) eles não têm nenhuma aplicação para a mesma questão na Europa Ocidental, porque, entre nós, o proletariado precisa de armas muito mais fortes. No que se refere ao parlamentarismo, os seus exemplos — ou são extraídos de uma fase em que a revolução não estava à vista (por exemplo, páginas 16, 26, 41 e 51) e, portanto, não têm nenhum significado para a questão de que tratamos aqui — ou então são tão diferentes da nossa situação, na medida em que você podia se servir dos partidos de pequeno-burgueses e de pequeno-camponeses, que não podem ser absolutamente aplicados aqui (páginas 12, 37, 40, 41 e 51).

Parece-me, companheiro, que a total falsidade da sua avaliação — assim como a do seu livro, e da tática que, de acordo com você, é adotada pela Executiva de Moscou — resultam apenas de que você não conhece suficientemente nossa situação, ou, melhor dizendo, de que você não tira conclusões corretas dos seus conhecimentos, avaliando-os demasiadamente de um ponto de vista russo.

Mas é preciso concluir, e isto deve ser repetido aqui com a máxima clareza possível — porque disso dependem a salvação ou a desgraça do proletariado ocidental, do proletariado mundial e da revolução mundial —, *que nem você, nem a Executiva de Moscou, estão em condições de conduzir a revolução na Europa Ocidental e, em consequência a revolução mundial se persistirem nesta tática.*

Você pergunta: vocês, que querem transformar o mundo, não são nem capazes de formar uma fração parlamentar?

Nós respondemos: este livro, o seu livro, já é uma prova de que quem se agarra a uma coisa semelhante leva rapidamente o movimento operário para um caminho errado, para a sua perda.

O seu livro cria nos operários da Europa Ocidental ilusões fantasmagóricas, crenças em coisas impossíveis, como, por exemplo, em acordos com os burgueses na revolução.

O seu livro lhes apresenta coisas que não existem divisões entre burgueses ocidentais frente à revolução. O seu livro divulga a crença de que um acordo com os sociais-patriotas e os elementos vacilantes (?) do parlamento pode trazer algo de bom, quando ele só pode trazer desastres.

O seu livro leva o proletariado europeu ocidental de volta para o pântano, de onde ele vinha saindo com a maior dificuldade sem ter ainda saído propriamente dali.

Ele nos leva de volta ao pântano em que nos meteram Scheidemann, Renaudel, Kautsky, Macdonald, Longuet, Vandervelde, Branting e Troelstra. (Isto só poderá alegrá-los, assim como os burgueses que compreenderão também alguma coisa em sua leitura.) *Um livro como este é para o proletariado comunista revolucionário o que o livro de Bernstein foi para o proletariado pré-revolucionário. É o seu primeiro livro que não foi bom; mas, para a Europa Ocidental, não podia haver coisa pior.*

Nós, os companheiros da "esquerda", precisamos nos unir solidamente, retomar tudo pela base, exercendo a crítica mais rigorosa contra todos os que, na III Internacional, não mostram o bom caminho.

Se eu tirasse agora a conclusão de todas estas explicações sobre o parlamentarismo, ela deveria ser assim formulada: os seus três argumentos favoráveis ao parlamentarismo têm muito pouco significado ou são totalmente falsos. Neste ponto, assim como na questão sindical, a sua tática é nefasta para o proletariado.

JAN WACLAV MAKHAJSKI